

“NÃO PODEMOS PERDER A CRÍTICA E ACEITAR QUE SÓ EXISTE UMA ÚNICA POSIÇÃO, DISCURSO OU AÇÃO QUE VAI DAR CONTA DE TUDO E SER A MELHOR OPÇÃO, E PIOR, A MELHOR OPÇÃO EM APENAS DUAS POSSÍVEIS”

RICARDO SCHERS DE GOES, PSICÓLOGO, PEDAGOGO, ARTISTA, PROFESSOR DA FURB
UM CAPACETE NÃO É SÓ UM CAPACETE
PÁGINA 7

“ MAIORIA AINDA QUER UMA CIDADE DE MÁQUINA. UMA CIDADE PARA SER PERCEBIDA POR UMA JANELA, QUE PASSA MUITO RÁPIDO. OU, QUE SE NÃO ANDA RÁPIDO, O DESEJO É QUE ANDASSE CADA VEZ MAIS... É UMA CIDADE BEM DIFERENTE DO CONCEITO DE “CIDADE PARA PESSOAS”

CAROLINA VIVIANE NUNES, ARQUITETA
A CIDADE E A CIDADANIA
PÁGINA 4

“ PARA ENTENDER A CRISE DO FIES É PRECISO CONSIDERAR A GESTÃO DO ENSINO SUPERIOR NOS ÚLTIMOS 20 ANOS.”

MARCOS ANTÔNIO MATTEDI, PROFESSOR DA FURB E DOUTOR EM CIÊNCIAS SOCIAIS
A EDUCAÇÃO DA PÁTRIA NÃO TEM FUNDO
PÁGINA 16

FOTO: JAIME BATISTA DA SILVA



CRESCEM EM BLUMENAU MOVIMENTOS QUE REFORÇAM A BUSCA POR UMA CIDADE PARA PESSOAS. ALGUMAS DESSAS INICIATIVAS ENCONTRAM RESPALDO JUNTO COM NOVOS ADEPTOS E GANHAM DESTAQUE NAS PÁGINAS DO EXPRESSÃO, COMO O GRUPO DE CARONAS CRIADO NA FURB, A FEIRINHA DA SERVIDÃO DO WOLLSTEIN E O GRUPO DE PEDAIS URBANOS. PÁGINAS 8 E 9

ATO EM DEFESA DO ABORTO E CONTRA O MACHISMO MARCA DIA INTERNACIONAL DA MULHER EM BLUMENAU

MANIFESTAÇÃO ORGANIZADA PELO COLETIVO FEMINISTA CASA DA MÃE JOANA CHAMOU A ATENÇÃO SOBRE A CONDIÇÃO DA MULHER E DO QUANTO AINDA É PRECISO SUPERAR PARA ALCANÇAR A IGUALDADE DE GÊNERO
PÁGINAS 8 E 9

FOTO: RICARDO SCHERS DE GOES



FOTO: RAQUEL BASTOS

FIES: ALUNOS PROTESTAM NA FURB

MAIS DE DOIS MIL ALUNOS PARTICIPARAM DE MANIFESTAÇÃO CONTRÁRIA À MEDIDA TOMADA PELO GOVERNO FEDERAL
PÁGINA 15

CAMPANHA SALARIAL 2015

Em 25 de março a Assembleia geral dos Servidores Públicos do Ensino Superior em deliberou, sobre o resultado das rodadas de negociação da campanha salarial 2015 entre outros temas, a reposição da inflação do período de 7,75% referente a inflação passada e sobre o plano de reposição do saldo remanescente de 7,87%, de perdas históricas e, o que corresponde ao entre que a partir da reposição de 7,75%. As dificuldades da regularidade de previsão do fluxo de caixa da FURB diante do atraso de repasses de programas foi compreendido com preocupação diante do ajuste fiscal em curso. No portal da transparência os servidores não encontram informações sobre a execução orçamentária, os documentos que estão as disposição mais atualizados datam de 2013. Apenas os que tem acesso ao sistema interno de controle tem uma informação precisa.

Servidores de algumas categorias com menores salário percebem a defasagem salarial comparada com outros servidores terceirizados. No âmbito da Prefeitura Municipal de Blumenau com a aprovação da LC 960/2014 em 15 de dezembro o “ranqueamento” elevou em uma categoria diversas funções do quadro de servidores da prefeitura, suas autarquias e fundações, o que corresponde a reajustes que vão de 8,6% a 28,8% além do INPC. A estatística das negociações coletivas no setor de serviços de acordo com o DIEESE no balanço até 1º. semestre de 2014 indicavam que 93% das negociações terminaram com uma média de 1,51% de ganho além do INPC. Em Blumenau e região nos dissídios recentes verificamos os seguintes resultados: bancários com 8,5% (outubro-2014), comerciários, (7,80% - agosto-2014), metalúrgicos (7,30% - maio de 2014). A lista poderia se estender mas o fato é que permanecemos atrás de todas as categorias nos últimos anos.

A Assembleia votou e aprovou por unanimidade defender o reajuste de 1% junto ao CONSUNI além da reposição inflacionária a ser pagos a partir de março.

A sessão do CONSUNI de 26 de março iniciou com a apresentação do relator do processo 008/2015 e também vice-reitor, Udo Schroeder de estatísticas da evolução da folha de pagamento em termos nominais e reais e a evolução do número de créditos financeiros em um período de 2005 a 2014, para “reforçar” o cenário de incerteza. Esse período já é conhecido de todos, foi quando tivemos na maior parte da série uma redução drástica do número de créditos financeiros. Não houve destaque dessa vez do período mais recente de recuperação, bem como a evolução também do valor do crédito financeiro. Foi um período que em seu início a dívida ativa cresceu até serem tomadas medidas para sua recuperação. No fim a apresentação só deixou claro como conseguimos uma redução na participação da oferta do ensino superior na região.

Em tese o que mais nos interessa é o período mais recente e a projeção de cenários e alternativas para o futuro. É nesse ponto que a reitoria poderia se concentrar como o fez a seguir.

A projeção da estimativa de inflação (5,15%) no orçamento em número bem abaixo do que já vinha se cogitando para a inflação até o final de 2014 não é necessariamente uma restrição para sua execução, pois a estimativa de receita e a fixação da despesa pode ser ajustada, no entanto fato real é que a receita vinculada a determinação do valor das mensalidades em um período de inflação média mais baixa em relação a outro período de média mais alta de nossa data base, causou uma discrepância maior entre os dois períodos, o que afeta a relação receita despesa. Esse fato sim tem impacto. Se a inflação voltar a ser descen-

dente acontecerá exatamente o efeito oposto. O desencaixe no fluxo de caixa orçamentário é real. O Governo Federal estabeleceu uma cadeia de não-pagamentos e atrasos que está sendo transmitido para estados, municípios e estatais afetando as transferências intragovernamentais.

Esse ponto desestabilizou o CONSUNI e Reitoria a ter confiança na aprovação já da reposição mínima de perda salarial prevista no orçamento para 2015. A vinculação e dependência de R\$ 47 bilhões em programas de repasse (FIES, Art. 107, Art. 170, Proesde e Fundo Social) não são valores em atraso mas são valores “em risco”. Atrasos sempre ocorriam, mas a dimensão da confusão do FIES não define claramente o quadro. Os aditamentos dos contratos antigos do FIES estão sendo realizados, mas a operação efetivada pelos acadêmicos no sistema não retorna como totalmente concluída, apenas uma mensagem “em análise”. Milhares de contratos encontram-se nessa situação em “averiguação”. Em abril a FURB acessará o sistema para obter a confirmação do resultado do repasse e não se sabe o que exatamente encontrará.

O Sr. Reitor prof. João Natel, leu rapidamente aos conselheiros uma lista de medidas de contingenciamento elaboradas pela COPLAN, que tem o objetivo de economizar cerca de R\$ 9 milhões até o final do ano, para fazer frente ao cenário mais adverso que possa acontecer no caso de maiores atrasos e perda de alunos.

O SINSEPEs, propôs ao CONSUNI considerar o longo período de acumulação de perdas históricas que pouco encontrou eco para sua amortização nos últimos anos. Propôs também a discussão da reposição em julho desse ano havendo uma possibilidade de encontrarmos um cenário mais definido até essa data. A proposta foi acatada e votada por unanimidade.

Em resumo outros pontos de destaque incluíram:

O realinhamento de salários de algumas funções que tiveram redução das referências foi aceito para ser encaminhado para estudo pois se trata de um problema real.

A concessão do vale-alimentação, como benefício indireto encontra bastante resistência na discussão. Argumentamos sobre sua proporcionalidade de acordo com o regime de trabalho e da importância que o seu valor representa para as categorias com salários mais baixos. Nesse último ponto a reitoria abriu o diálogo para a questão.

A nova política de descontos em cursos da ETEVI, graduação, pós graduação e sequenciais que in-

cluam também os inativos está sendo elaborada e deverá ser apresentada em breve.

A regulamentação do artigo 29 da LC/746, que tratado abono pecuniário e um acordo sobre as férias coletivas será resolvido definitivamente esse ano. A reitoria mostrou uma posição muito clara em relação a esse tema, quando se manifesta favorável aos descanso remunerado, comparando que na esfera pública não- celetista, tal condição inexistia, mas que é praticada pela Prefeitura Municipal de Blumenau, mesmo sendo contraditória a sua lei orgânica. De qualquer forma a reitoria abre o diálogo e discussão com o SINSEPEs e com a categoria sobre a regulamentação e sobre a existência de tal dispositivo.

O SINSEPEs, discute com a categoria convocando para nova assembleia dos servidores sobre o balanço desse resultado. As medidas de contingenciamento estando aberto ao diálogo. Sem dúvida o histórico apresentado no CONSUNI dos últimos dez anos nos serviu para mais uma coisa. Mostrar como estamos frágeis diante da falta de outras alternativas. É preciso mais empenho em pensar nos cenários possíveis de longo prazo para o ensino superior. A inserção da FURB em um desses caminhos deverá ser importante, caso contrário poderemos estar à mercê de um modelo em esgotamento.

“

O SINSEPEs, discute com a categoria convocando para nova assembleia dos servidores sobre o balanço desse resultado. As medidas de contingenciamento estando aberto ao diálogo. Sem dúvida o histórico apresentado no CONSUNI dos últimos dez anos nos serviu para mais uma coisa. Mostrar como estamos frágeis diante da falta de outras alternativas. É preciso mais empenho em pensar nos cenários possíveis de longo prazo para o ensino superior.

PARTICIPE DO EXPRESSÃO! *Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!*

DIRETORIA SINSEPEs | 2014/2017

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); **Vice-presidente:** Luiz Donizete Mafra (DAC), **Secretária geral:** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), **1ª Secretária:** Marian Natalie Meisen (Instituto FURB), **Tesoureiro:** Nazareno Schmoeller (CCSA), **1º Tesoureiro:** Valcir de Amorim (DAF), **Diretor de Cultura, Esporte e Lazer:** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), **Diretora de Imprensa e Comunicação:** Ivone Fernandes Morcilo Lixa (CCJ), **Diretor de Assuntos Jurídicos:** Osnildo Marcos Rodrigues (CCS) **Diretora de Formação e Relação Sindical:** Nevoni Goretti Damo (CCS)

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Edemar Valério Mafra (NRTV), Leandro Junkes (Biotério Central) e Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC) **Suplentes:** Márcio C. de Souza Rastelli (CCS), Selézio Rodrigues (DAC) e Wanderley Renato Ortunio (Etevi)

Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 3.000 cópias. **Gráfica:** Grafnorte S/A (Apucarana, PR) **Revisão:** Rhuan Oliveira, Fernanda Paulina Ferrazzo e Igor Prim **Jornalista responsável:** Marcela Cornelli - MTB 00921/SC JP

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.



Contato

Expressão Universitária é uma publicação do SINSEPEs (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, 140 - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br





INTERNAS

REAJUSTE DA UNIMED

Em março a Unimed apresentou proposta de reajuste dos diversos contratos regulamentados e do antigo não- regulamentado. O reajuste médio que a cooperativa apresentou para negociação é de cerca de 24% . Isso é impraticável a FURB e SINSEPES, exigem maiores detalhamento em especial do contrato da migração que apresentou maior sinistralidade. A alegação de preços baixos cobrados nesse plano, induzem a pensar no fato de que a proposta apresentada em 2013 foi formulada abaixo do custo real desejado, para estimular a migração e que agora passamos por outra etapa que é de um realinhamento. Exigimos mais transparência, documentos e ações efetivas para avaliar a utilização eficaz de todas as partes. Os servidores requerem que haja uma reformulação no canal de acesso para acompanhamento e custos de sua própria utilização e de seus dependentes. Como a questão não está fechada a negociação continuará pois tal reajuste será impraticável.

CONSUNI APROVA REAJUSTE DE 7,7%

O Conselho Universitário da FURB (CONSUNI) aprovou por unanimidade a proposta de reajuste salarial aos servidores de 7,75%. A reunião ocorreu em 25 de março. O percentual incidirá sobre a folha de março, a ser paga no quinto dia útil do mês de abril. O valor é resultado da média dos índices de inflação (IPC-FIPE, IPC-M-FGV, ICV-DIEESE, INPC e IPCA-IBGE, IVGP-FURB) calculados no período de março/2014 a fevereiro/2015. Ficou acordada a manutenção de uma agenda permanente de negociação para avaliar as demais reivindicações, bem como analisar o cenário macroeconômico, inclusive dos repasses advindos dos programas de fomento governamentais (FIES, Art. 170, 171, Proesde, Fundo Social). (leia a posição do SINSEPES no editorial)

DCE APOIA PROJETO 100 EM UM 1 DIA BLUMENAU

Um grupo de jovens de Blumenau se mobiliza em torno do projeto 100 em 1 dia Blumenau. O movimento nasceu em Bogotá e ano passado foi aderido também no Rio de Janeiro. A ideia de trazê-lo para Blumenau é repetir o que já vem se fazendo em outras partes do mundo, com a intenção de propor 100 intervenções artísticas/culturais ou sociais na cidade em um único dia. O movimento tem o apoio do DCE da FURB em Blumenau. O projeto foi lançado dia 28 de março no Parque Ramiro Ruediger e dia 30 de maio todos vão para rua para fazer a sua intervenção, em toda a cidade. As inscrições são abertas a quem quiser participar e gratuitas. As inscrições podem ser feitas pelo site: www.100em1diablumenau.com.br e fanpage: [facebook/100em1diablumenau](https://facebook.com/100em1diablumenau), onde também podem ser obtidas mais informações sobre o projeto.



FOTOS: RAFAELA MARTINS

SHOW COM MAREIKE VALENTIN PROMOVIDO PELO SINSEPES EM HOMENAGEM AO DIA DA MULHER LOTA AUDITÓRIO DA FURB

O show promovido pelo SINSEPES na noite do dia 3 de março com a cantora Mareike Valentin e participação especial de Edu Colvara lotou o auditório do Bloco J da Furb. A promoção do SINSEPES pela passagem do Dia Internacional da Mulher reuniu um repertório que misturou poesia, reflexão e sutileza. Além dos dois, também participaram da apresentação os músicos Caio Fernando (baixo) Mayla Valentin (percussão) Junior marques (piano) e Técnico de som Israel Manerich. Mareike Valentin nasceu na Alemanha, em 1980. Apesar de ter morado lá até os seis anos, considera suas raízes fortemente brasileiras. Licenciada em Música pela Universidade Regional de Blumenau, ela começou seus estudos de piano, flauta e canto popular em Santa Catarina. Em 2012 lançou o primeiro CD. Neste CD, Mareike gravou compositores como Tom Zé, Pedro Luís e Pochyua Andrade, e contou com a participação de artistas nacionalmente conhecidos, como Zé Renato, Marcos Sacramento, além de Leandro Braga. A premiada cantora atua também como professora de Canto Popular na Escola de Música do Teatro Carlos Gomes, em Blumenau.



SAÚDE DO TRABALHADOR É FOCO DE ENCONTRO

O SINSEPES em parceria com o Sindicato dos Bancários de Blumenau e Região promove dias 8 e 9 de abril o Seminário de Saúde do Trabalhador. O encontro será no auditório do Bloco T. Por enquanto estão confirmadas as presenças de Paulo Cerva, fiscal do Trabalho da Comarca de Concórdia. Sandro Sardá, do Ministério Público, Laerte Sznelwar, professor da PUC/SP e Elisa Elms, socióloga. O evento acontecerá no período noturno e será aberto ao público.



Qual rua é mais agradável caminhar? Qual rua é para as pessoas?
FOTO: WALTER CARLOS WEINGAERTNER

A CIDADE E A CIDADANIA

POR CAROLINA VIVIANE NUNES

Arquiteta <email@carolinanunes.arq.br>

Um caminhão entrou na rua XV e bateu na árvore que foi cortada. O Gregori ligou para o setor responsável e esperou o replantio, por três semanas, a cada dia mais indignado com a inépcia do poder público. Até que pensou: “Pera lá?! Por que eu não planto essa árvore? Por que eu sempre espero que os outros façam aquilo que é muito mais simples eu mesmo fazer?” Foi assim que ele plantou uma muda, que deu origem a um plano de arborização de inicialmente 100 árvores. “Plantar uma árvore é fácil, difícil é mudar a consciência ambiental das pessoas.”¹ - afirmou na época, ao colocar o seu plano em prática. O final da história, muitos já conhecem. O rapaz não pediu autorização, o órgão competente reagiu, a população se manifestou favorável ao plantio, as árvores venceram e o projeto cresceu para 1.000 árvores, desta vez com a orientação técnica e o apoio do órgão municipal.

Muitas vezes eu me pego pensando nessa história, que exemplifica uma característica que, por já ter morado em outras cidades, penso ser blumenauense. Por aqui, temos sim pessoas engajadas e organizadas. Gente que não espera que os outros façam. Até me surpreendo com essa capacidade de mobilização. Quem já foi em reunião de ONGs, aqui e em outro lugar, sabe do que eu estou falando. As reuniões têm planejamento, pautas previamente elaboradas, ata, tudo certinho. Mas aí entra em cena outra característica blumenauense. Lembro bem quando mostrei as ações do plantio de árvores para um parente, que rapidamente disparou: “Ah, já sei, é aquele que plantou tudo errado, né?! Que precisou desplantar, nada a ver...” Poxa, alguém que vai lá e faz o que precisa ser feito, e logo aparecem tantas pessoas para tirar a motivação, que se apressam a tecer as mais variadas críticas, mas não o braço para ajudar. “Reclamar que não tem sombra, todo mundo reclama.”¹, afirmou o Gregori na ocasião. Mas, neste caso, apareceram vários braços para ajudar... Muitos afirmam que ‘Blumenau não tem nada’, como ouço, mas é só irmos um pouco atrás para vermos a quantidade de movimentos que existem. Eu sempre percebi Blumenau dessa maneira, porque as pessoas ao meu redor sempre foram. Meu pai foi presidente da Acaprena, do Círculo dos Orquidófilos, da APP do colégio, da diretoria da APAE... Assim como os amigos dele e os meus amigos de hoje, como o Gregori.

Movimentos autônomos não pretendem substituir a responsabilidade do poder público. Fazem, mas também cobram. Quando vejo as pessoas - os cidadãos - agindo (seja através de ideias, cobranças, mão na massa), me lembro de uma passagem do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que a internet me permitiu resgatar:

“A maioria das pessoas acredita que a solução dos problemas vem de fora, de algo externo, de alguém ou alguma coisa que fará, por nós e por todos, aquilo que deve ser feito. Uns não sabem viver sem o poder, sem o Estado. Outros não sabem viver sem alguém que manda, o senhor, o padre e o pastor, o empresário, o líder, o patrão. A maioria não sabe viver sem o Estado e o mercado, não sabe viver por si. E esse engano é grande, profundo e perigoso. Na verdade é tudo o contrário. O Estado não sabe viver sem o cidadão, sem cada um e todos. O presidente não existe sem o cidadão. O mercado não existe sem a participação de cada um. O espelho não existe sem aquele que o vê. Mas muita gente pensa invertido, onde tem efeito vem a causa... Quando o cidadão descobre que ele é o princípio do que existe e pode existir com sua participação, começa a surgir a democracia. Cidadania e democracia andam de mãos dadas, não existem separadas. Cidadania não é o individualismo, mas afirmação de cada um em sua relação de solidariedade com os outros. Cidadania e democracia se fundam em princípios éticos e por isso, têm o infinito como seu limite. Não existe o limite para a solidariedade, a liberdade e a igualdade, participação e diversidade... A democracia é uma obra inesgotável. (...) A democracia é o futuro que se constrói hoje por meio da ação e da participação de todos e cada um.”²

Cidadania representa pequenas doses de democracia. Eu posso ser um pouco inocente nesta afirmação, mas acredito que a democracia é a maioria. Para a minha infelicidade, a maioria tem um sonho de cidade

diferente do meu. Se abirmos o jornal ou assistirmos a algum programa de televisão local, vamos notar que a maioria ainda quer uma cidade de máquina. Uma cidade para ser percebida por uma janela, que passa muito rápido. Ou, que se não anda rápido, o desejo é que andasse cada vez mais... Conheço algumas pessoas que saem de casa para a garagem, e dali da garagem para o escritório, do escritório para o restaurante, e assim vai, sem nenhum contato com o espaço público, com pessoas diferentes do seu meio ou com o clima, por exemplo - e nem pretendem ter - quanto mais previsível e controlado, melhor. É uma cidade bem diferente do conceito que se chama de “cidade para pessoas”.

Por pessoas, entende-se escala humana, velocidade humana, usando o aparelho sensorial humano, com interações humanas. O arquiteto Jan Gehl, referência no assunto, estuda a anatomia, o comportamento individual e a interação social - o conviver, sendo a cidade o local do convívio. Ele defende a ideia de que as pessoas são o maior atrativo para as pessoas. Gehl afirma que “entre escolher caminhar por uma rua deserta ou uma rua movimentada, a maioria das pessoas escolheria a rua cheia de vida e atividades.”³, e que em estudos realizados em Copenhague, os bancos e cadeiras mais utilizados são os que permitem maior visualização de pessoas. E para atrairmos pessoas, precisamos pensar como nós mesmos somos. O arquiteto afirma que o conhecimento sobre a nossa fisiologia deve ser incorporado na construção das cidades. Para exemplificar, a velocidade humana é de 5km/h. Assim, para uma caminhada ser interessante, deveríamos ter estímulos, detalhes e diversidade no pavimento térreo, constantemente. Sabe-se também que o campo de visão social é de aproximadamente 100m, distância que percebemos pessoas em movimento. Assim como nas praças antigas, cujas dimensões não ultrapassavam essa distância, devemos pensar espaços com esta escala. A distância da interação humana é de 25m, que nos permite decodificar emoções e expressões faciais. Assim, pequenos espaços e curtas distâncias são experiências calorosas. Esses são exemplos de critérios de projeto. Mas antes de pensarmos nas soluções dos problemas e até mesmo na escala humana, Gehl reforça que devemos parar para refletir “que cidade queremos? E aí, o que importa não são os elementos do planejamento urbano, mas as coisas que nos fazem viver melhor.”⁴ Como diretriz geral, posso afirmar que uma cidade para pessoas é um lugar de encontro, ou, como afirmou o arquiteto e ex-prefeito de Curitiba Jaime Lerner: “Se a vida, como disse Vinícius de Moraes, é a arte do encontro, a cidade é o cenário deste encontro.”⁵

Nos espaços privados, temos o encontro dos iguais e nos espaços públicos temos o encontro dos diferentes, onde caem os preconceitos para dar lugar ao respeito. Uma cidade para pessoas é aquela que tem um ambiente propício ao encontro, às trocas, ao convívio e à participação. Para a minha felicidade, a democracia também permite que uma minoria se torne maioria, através de meios pacíficos. Uma cidade para pessoas é propícia à cidadania. Um espaço que une as mentes às ações.

REFERÊNCIAS

¹ Entrevista oral, feita pela autora a Gregori Morastoni, em setembro de 2014.

² Revista Democracia Viva (acesso em fevereiro 2015), texto disponível em: smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Formação%20Continuada/Direitos%20Humanos/dv28_especial_ibasenet.pdf

³ GEHL, Jan. Cidades para Pessoas. Tradução de Anita Di Marco. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

⁴ Entrevista de Jan Gehl para Natália Garcia (acesso em fevereiro 2015) disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cidade/jan-gehl-especialista-criar-cidades-melhores-635024.shtml?func=1&pag=0&fnt=14px>

⁵ Prefácio de Jaime Lerner para a versão brasileira do livro: GEHL, Jan. Cidades para Pessoas. Tradução de Anita Di Marco. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.



REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO

“Não basta ser um gorila inteligente e/ou as diferentes exigências do mundo do trabalho no desenvolvimento do capitalismo no século XXI”

POR RENATA BRAUNER FERREIRA

Doutora em Ciências Sociais Aplicadas (UFRJ), bolsista de Pós-doutorado em Sociologia da UFPEL <renatabrauner@yahoo.com.br>

No clássico filme de Charles Chaplin “Tempos Modernos” são mostradas, magistralmente, as exigências do mundo do trabalho sobre os operários no auge da Revolução Industrial no século XX: a máquina comandando o ritmo da produção e o operário desesperado tentando acompanhá-la. Obviamente, o filme mostra de forma caricatural o processo (afinal trata-se de uma comédia), mas digamos que, no limite, mostra o grande objetivo do capital de destituir o trabalhador do poder/saber sobre o seu ofício, tornando-o apenas uma parte da engrenagem.

Desde os primórdios do capitalismo, o processo de produção pautou-se pelas tentativas de aumentar a produtividade e, logo, a rentabilidade.

Com o avanço do capitalismo no século XX a situação em que o operário especializado impunha suas normas e seus preços, acabou tornando-se intolerável para o capital, por isso, tanto Henry Ford quanto Frederick Taylor – representantes bastante significativos deste período – procuraram parcelar as tarefas e especializar as ferramentas, esta divisão técnica do trabalho foi pouco a pouco desqualificando o trabalhador, exigindo menos qualificação e aprendizado, reduzindo o valor da força de trabalho, ao mesmo tempo, em que incrementava a intensidade e produtividade do trabalho.

Foi fundamental para o capitalismo que o processo de trabalho pudesse depender cada vez menos do trabalhador com o objetivo de romper com a dependência do capital frente ao trabalho. Tanto a gerência científica de Taylor quanto a linha de montagem de Ford ambicionavam libertar-se do domínio do trabalhador sobre o seu ofício, afinal, a técnica do trabalho ainda era regulada pela destreza, habilidade e rapidez do trabalhador.

O processo de constituição do capitalismo só se completa quando do surgimento da produção mecanizada, organizada como grande indústria na virada do século XIX para o século XX. A partir de sua implantação, estão garantidos a generalização do trabalho assalariado e o pleno domínio do capital, ou seja, a autodeterminação do capital, (ou seja), máquinas produzindo máquinas.

Assim, a maquinaria retirou do trabalhador a ferramenta e tornou supérfluo o trabalho especializado; com o sistema de máquinas, a distribuição do trabalho é regulada pela utilização de diferentes máquinas, a fábrica desqualifica o trabalho, pois, é a máquina que dita o ritmo do processo de trabalho e é responsável pela qualidade do produto.

O Taylorismo foi fundamental nesta etapa de procurar destituir o operário do controle do processo de trabalho passando-o as mãos da gerência. Um tipo de homem é necessário para planejar e outro diferente para executar o trabalho. [...] em quase todas as artes mecânicas, a ciência que rege as operações do trabalho é tão vasta e complexa que o melhor trabalhador adaptado a sua função é incapaz de entendê-la, quer por falta de estudo, quer por insuficiente capacidade mental (TAYLOR, 1990, p. 43).

Para isso, segundo Moraes Neto (1991), Taylor teria se orientado por alguns princípios: a dissociação do processo de trabalho das especialidades dos trabalhadores; a separação entre concepção e execução; a utilização do monopólio do conhecimento para controlar cada fase do processo de trabalho e seu modo de execução. “A decomposição das tarefas manuais reduz os gastos de formação, e portanto, o valor dos trabalhadores” (Marx apud Moraes Neto, 1991, p. 27)

O tipo de trabalhador sob a égide da administração científica proposta por Taylor seria, nas palavras do próprio autor:

tão grosseiro e rudimentar por natureza que acredito ser possível treinar um gorila inteligente e torná-lo mais eficiente que um homem no

carregamento de barras de ferro [...] um dos primeiros requisitos para um indivíduo que queira carregar lingotes de ferro como ocupação regular é ser tão estúpido e fleumático que mais se assemelhe em sua constituição mental a um boi (TAYLOR, 1990, pp.43-53).

No entanto, as exigências do mundo do trabalho mudaram, a rotina, a disciplina, os movimentos repetitivos, são hoje quase dispensáveis. Depois de várias décadas adestrando os trabalhadores, disciplinando-os, ensinando-os a repetir movimentos, após ter tentado abafar quase toda a iniciativa, a criatividade e a autonomia do trabalhador, quando a classe trabalhadora parece estar adaptada as necessidades do capital industrial, mudam-se as regras do jogo...

No entanto, não se trata de uma ruptura, mas de uma continuidade, apenas feita em outros termos, é preciso “mudar para continuar o mesmo”, a ideia de que não bastava simplesmente obedecer ordens, adestrar seus corpos a executar movimentos repetitivos, hoje as exigências mudaram, principalmente, em termos dos requisitos para ser um bom funcionário: é necessário vestir a camiseta da empresa, ‘sentir-se’ parte dela, ‘ser’ leal, motivado e grato ao capitalismo, pela grande ‘oportunidade’ de ter um emprego.

Da preponderância do capital industrial a do capital financeiro, a lógica do capitalismo continua a mesma: o lucro. Hoje em dia a maior parte das vagas de trabalho exige criatividade, iniciativa, empreendedorismo... Há novas formas de dominação e opressão: a meritocracia, por exemplo. Um sistema que diz que se você está desempregado é porque você não teria se esforçado o suficiente, que a culpa é sua, “você não é merecedor”

Apresenta-se também ao trabalhador outra palavra mágica: flexibilidade! Não se prenda mais aos horários, não se precisa mais de cartão ponto, o trabalhador está livre para fazer o seu horário, não precisa permanecer no seu local de trabalho... desde que atinja as metas definidas pela empresa... a cobrança não acaba ao final do expediente!

A própria ideia festejada por alguns de Ócio Criativo – como preconiza o italiano Domenico De Masi – quer tornar o “tempo livre” do trabalhador em algo produtivo, que possa ser usado em benefício do capital... se antes o trabalhador podia esquecer do trabalho ao bater o ponto, hoje o bom trabalhador é aquele que nunca desliga, atento ao telefone, às mensagens, aos e-mails, às redes sociais, nunca dorme... se antes era possível esquecer o trabalho depois de bater o ponto de saída, hoje o trabalhador, mesmo, em seu tempo de lazer é orientado a ter ideias, a ser criativo, a buscar soluções... Não basta apenas a apropriação objetiva da força do trabalhador, querem também invadir seu ‘tempo livre’, povoar seus sonhos, apropriar-se de seus desejos, de sua subjetividade. Assim, se antes bastava ao capital apropriar-se do corpo do trabalhador hoje querem dominar também sua alma!

Não é fácil ser um trabalhador no século XIX, ou seja, não basta mais ser um “gorila inteligente” ...

REFERÊNCIAS

BRAVERMAN, Harry. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1977.

CORIAT, Benjamin. El taller y el cronometro: ensayo sobre el taylorismo, el fordismo y la producción en masa”. 6 ed. Ed. Siglo Veintiuno, 1991.

MORAES NETO, Benedito Rodrigues de. Marx, Taylor e Ford: as forças produtivas em discussão. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

OLIVEIRA, Carlos Alonso Barbosa de. Processo de industrialização do capitalismo originário no atrasado. São Paulo: Ed. UNESP, Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

TAYLOR, Frederick. W. Princípios de administração científica. São Paulo: Atlas, 1990.



DEMOCRACIA: SIM E NÃO!

POR NELSON GARCIA SANTOS

Professor do departamento de Ciências Sociais e Filosofia - FURB - <nelgarcia@furb.com>

A democracia representativa liberal/burguesa brasileira passa, atualmente, por uma forte crise institucional. Tal situação fica evidente no aumento sucessivo dos votos brancos e nulos nas últimas eleições, em todos os níveis, bem como nas manifestações de rua que aconteceram a partir de junho de 2013 em várias cidades sendo que, em praticamente todas elas, os partidos políticos foram criticados e até rechaçados pelos manifestantes. A descrença nos partidos e nos políticos institucionais e a falta de participação nas eleições por parte da juventude, dos negros das mulheres e dos pobres vem aumentando significativamente. Entretanto, mesmo com tamanha crise, a pauta que se apresenta no âmbito político não vai além de se discutir o aumento ou não no número de vereadores nas Câmaras ou, sobre a reforma política que deverá ser feita pelo Congresso Nacional, onde os assuntos que norteiam os debates, são

de sexo, devem ser eleitores; d) todos os eleitores devem ter voto igual; e) todos os eleitores devem ser livres em votar segundo a própria opinião formada o mais livremente possível, numa disputa de partidos políticos que lutam pela formação de uma representação nacional; f) devem ser livres também no sentido em que devem ser postos em condições de ter reais alternativas; g) tanto para as eleições dos representantes como para as decisões do órgão político supremo vale o princípio da maioria numérica; h) nenhuma decisão tomada por maioria deve limitar os direitos da minoria; i) o órgão de governo deve gozar de confiança do Parlamento ou do chefe do poder executivo, por sua vez eleito pelo povo. (Bobbio, 1992, p.327).

Assim, a partir deste ponto de vista vive-se, no Brasil, uma democracia representativa liberal/burguesa. Mas, ao mesmo tempo, não é uma democracia, pois, existem várias situações vividas na realidade brasileira que nos afasta dos princípios daquilo que venha a ser, efetivamente, uma democracia. Se não vejamos: Para Platão, a democracia surge quando “os pobres, após haverem conquistado a vitória, matam alguns adversários, mandam outros para o exílio e dividem com os remanescentes, em condições paritárias, o Governo e os cargos públicos” (Platão, Apud Bobbio, 1992. p.320). Esta situação não se deu no Brasil, aliás, os pobres nunca estiveram no governo, mas até podem estar em alguns poucos cargos públicos. Já na perspectiva de Aristóteles, a “democracia e oligarquia diferem na medida em que, onde dominam os ricos, sejam muitos ou poucos, haverá necessariamente uma oligarquia; onde dominam os pobres, uma democracia” (Bobbio, 1985, p.61). Na realidade brasileira quem domina são os ricos, logo de acordo com esta abordagem vive-se no Brasil uma oligarquia e não uma democracia. Na teoria moderna, fundada por Maquiavel, democracia nada mais é do que a forma de república (Bobbio, 1992, p.320). Nesta perspectiva, os Estados estarão governados ou por uma só pessoa (princípio), ou por muitas pessoas, numa vontade coletiva, cuja manifestação se dá por colegiado ou assembleia (república). Se as decisões e as vontades forem as de um colegiado restrito, ter-se-á uma república aristocrática. Mas, se a vontade e as decisões forem definidas em assembleias populares, existirá uma república democrática. Na democracia brasileira não existe a figura das assembleias populares, logo, por esta teoria, não temos democracia. Outra teoria que vai na mesma direção é de Montesquieu, ao dizer que quando todo o povo dispõe do poder supremo na república, tem-se uma democracia; quando o poder supremo se encontra nas mãos de uma parte do povo, tem-se uma aristocracia (Bobbio, 1985, p.130). Como no Brasil o poder supremo está nas mãos de uma pequena parte do povo, não vivemos uma democracia.

Como pano de fundo de toda esta discussão, tem-se o papel do Estado e sua forma de organização. Este, para Platão tem como finalidade a justiça, para Aristóteles o bem comum. Para Maquiavel, através do Estado se equilibra as relações entre ordem e desordem políticas. Para Montesquieu, pelo Estado é possível atingir os valores de justiça e liberdade. Assim, para a maioria dos filósofos clássicos o Estado representa um momento positivo na formação do ser humano civil. O Estado é considerado aquilo que nos afasta da barbárie, da guerra de todos contra todos e é entendido como sobreposição da razão sobre as paixões. Tais filosofias da política fazem a glorificação do Estado. Porém, para Karl Marx, o Estado é somente um instrumento de domínio das classes economicamente dominante sobre as demais classes. Para Marx, o Estado é parte da superestrutura que reflete a situação das relações sociais determinadas pela base econômica (infraestrutura); ele é o aparelho que serve às classes dominantes para que se mantenham dominando. Assim, o fim último do Estado não tem nenhuma relação com justiça, liberdade ou bem comum, mas sim, garantir os interesses específicos e o bem comum de uma parte da sociedade – das classes dominantes – e dos que governam.

Assim, no Brasil há que se avançar e aprofundar muito no debate sobre democracia, Estado e legislação eleitoral. Há que se ampliare as críticas à democracia apenas representativa e aprofundar nos temas da democracia direta através da participação popular sobre o controle do poder a partir de baixo e que se estenda o debate dos órgãos de decisão política aos de decisão econômica, fazendo assim uma relação direta entre democracia política e democracia econômica. Deveríamos, a exemplo do que aconteceu na Comuna de Paris (1871), implantar uma nova forma de democracia que naquele momento foi denominado de “autogoverno dos produtores” para uma nova forma de Estado. Temos que reconhecer que no modo de produção capitalista houve um deslocamento dos centros de poder dos órgãos do Estado para as grandes empresas e, por isso, o controle que os cidadãos e cidadãs têm de exercer através dos canais tradicionais da democracia não é suficiente para impedir os abusos de poder e fazer valer os seus interesses. As novas formas de controle e decisão, deverão acontecer nos próprios lugares da produção, exercidos pelo cidadão trabalhador através dos conselhos de fábricas. Estes conselhos se tornarão, assim, o germe de um novo tipo de Estado, que é o Estado dos trabalhadores, onde o sistema estatal em sua complexidade será constituído por uma federação de conselhos unificados. Quando a discussão da democracia brasileira chegar a estes termos aí sim, estaremos, efetivamente, discutindo os novos parâmetros para a construção de uma nova democracia, um novo Estado e uma nova política no Brasil.

“

Há que se ampliem as críticas à democracia apenas representativa e aprofundar nos temas da democracia direta através da participação popular sobre o controle do poder a partir de baixo

o fim do financiamento de campanhas por pessoas jurídicas, a diminuição de partidos políticos e as regras para as coligações partidárias nos tempos de eleições. Alguns atores até estão tentando colocar na pauta a obrigatoriedade ou não do voto, e visando aprofundar o debate tem quem defenda a criação de uma constituinte específica para a formulação de uma nova legislação eleitoral. Entretanto, tudo isso é muito pouco diante da necessidade de se rever profundamente os interesses e as práticas da democracia representativa (liberal/burguesa) brasileira. Será que o que existe no Brasil é, efetivamente, uma democracia?

Arrisco duas respostas em uma: sim e não! Sim, é uma democracia, pois atende (mais ou menos) os “procedimentos universais” da tradição democrática liberal cujas regras do jogo são: a) o órgão político máximo, a quem é assinalada a função legislativa, deve ser composto de membros direta ou indiretamente eleitos pelo povo; b) junto do supremo órgão legislativo deverá haver outras instituições com dirigentes eleitos, como os órgãos da administração local ou o chefe de Estado; c) todos os cidadãos que tenham atingido a maioridade, sem distinção de raça, de religião, de censo e

UM CAPACETE NÃO É SÓ UM CAPACETE

POR RICARDO SCHERS DE GOES

Professor da FURB, psicólogo, artista, pedagogo, especialista em Educação Inclusiva e Deficiência Intelectual, mestre em Educação e em Psicologia e doutor em Educação - <ricardoschersgoes@gmail.com>



Manifestação do dia 15 de março levou 40 mil pessoas para as ruas em Blumenau
FOTO JAIME BATISTA DA SILVA

“Às vezes um charuto é apenas um charuto”. Foi o que Freud disse a um analista que dizia que, segundo a própria teoria freudiana, seu charuto também poderia revelar algo de oral ou fálico sobre o fundador da psicanálise. Sim, Freud tinha questões com seus pais, e também, um comportamento fálico em relação à psicanálise, ele sempre posava para as fotos com o seu charuto. Freud morreu de câncer na boca e garganta provavelmente pelo tal charuto que ele negava ser um denunciador de seus sintomas. Portanto, Freud também fez uso de um mecanismo de defesa, ele estava errado, pois um charuto nunca é apenas um charuto, na verdade, nada é apenas só o que se pretende ser, há sempre algo mais, um sentido, um significado. E aqui, eu vou falar de capacete, que como aprendemos com a Psicanálise, nunca é apenas um capacete.

Nos dias 13 e 15 de março de 2015 ocorreram manifestações em todo Brasil. E os/as jornalistas do Grupo Globo, que é o maior conglomerado de mídia do Brasil e da América Latina, foram às ruas nos dias 13/3/2015 e 15/3/2015, com e sem capacetes, respectivamente.

As manifestações de 13/3/2015 foram chamadas de “Ato Nacional em defesa da Petrobras, dos Direitos e da Reforma Política” e foram convocadas pela CUT (Central Única dos Trabalhadores), UNE (União Nacional dos Estudantes) e MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra). Também batizado de “Dia Nacional de Lutas” teve como pautas defender a Petrobras, criticar o ajuste fiscal anunciado recentemente pela presidenta Dilma, defesa da democracia e da reforma política.

Por sua vez, as manifestações de 15/3/2015 não tiveram um nome de batismo, mas tinham o claro objetivo de protestar contra o governo da presidente Dilma Rousseff, contra o PT (Partido dos Trabalhadores) e contra a corrupção. Estas manifestações foram convocadas pelo MBL (Movimento Brasil Livre), que defende o impeachment da presidente Dilma e há indícios de que o bilionário David Koch, um magnata do petróleo, financia o MBL. Porém, os coordenadores do grupo negam esta relação. O grupo “Revoltados Online” também se apresenta como um dos organizadores destas manifestações e este grupo têm como um dos seus ícones o deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) e deseja não apenas o impeachment da presidente Dilma, mas também do vice-presidente, Michel Temer e defende a intervenção militar. Por fim, e não menos importante, o grupo “Vem pra Rua” é considerado outro organizador das manifestações e é o único que não defende o impeachment ou uma intervenção militar. Mas nas Eleições de 2014 declarou apoio ao candidato Aécio Neves. Há indícios de que este grupo é financiado pela “Fundação Estudar Lemann” do empresário Jorge Paulo Lemann, porém, o grupo nega este vínculo.

Como podemos observar, em nenhuma das duas manifestações é possível afirmar que são apartidárias, pois ambas apresentam claros vínculos ideológicos com políticos e partidos políticos, no máximo, as duas manifestações podem ser consideradas apartidárias se considerarmos que nenhum partido político está envolvido diretamente e se declarando como organizador das manifestações.

Mas e os capacetes?

Os/as jornalistas do Grupo Globo estavam de capacetes nas manifestações de 13/3/2015, onde curiosamente não teve nenhum tipo de confronto. Havia pouquíssimos manifestantes contrários ao que estava ocorrendo, muitos carregando cartazes, e não há nenhum registro de qualquer tipo de violência sofrida por estes manifestantes opostos à própria manifestação que ocorria. Um exemplo de democracia.

Já no dia 15/3/2015, os/as jornalistas do Grupo Globo estavam sem capacetes. E curiosamente, nestas manifestações ocorreram muitos casos de violências, físicas e verbais, não apenas contra indivíduos com cartazes, bandeiras e camiseta de partidos ou movimentos sociais que o grupo maior de manifestantes achava ser execráveis, mas bastava usar um vestuário de cor vermelha para ser hostilizado ou até agredido. Um exemplo de falta de democracia.

E eu não vou tratar neste texto sobre as posições políticas de cada grupo e de cada manifestação, pois eu quero falar de capacetes. E os/as jornalistas do Grupo Globo, escolherem que em manifestações de uma data usariam capacetes e na outra não.

Curiosamente, desde o momento que foram convocadas, as manifestações de 13/3/2015 e 15/3/2015 passaram a ser tratadas pela imprensa e em geral, pela sociedade brasileira como “pró-Dilma/PT” e “anti-Dilma/PT”, respectivamente. E uma chuva de injúrias, calúnias, difamações e discursos de ódio tomaram conta das conversas sobre política.

A crítica foi esquecida. E pareceu que no Brasil só existiam dois modos de ser. E ambos, em minha opinião, estão equivocados. Sempre que me perguntam se eu sou “a favor” ou “contra”, “pró” ou “anti” alguma coisa, eu não respondo, pois, a pergunta já está errada. As coisas, todas, são boas e ruins nelas mesmas, são contraditórias, ambíguas, com algumas virtudes e muitos limites, todas elas.

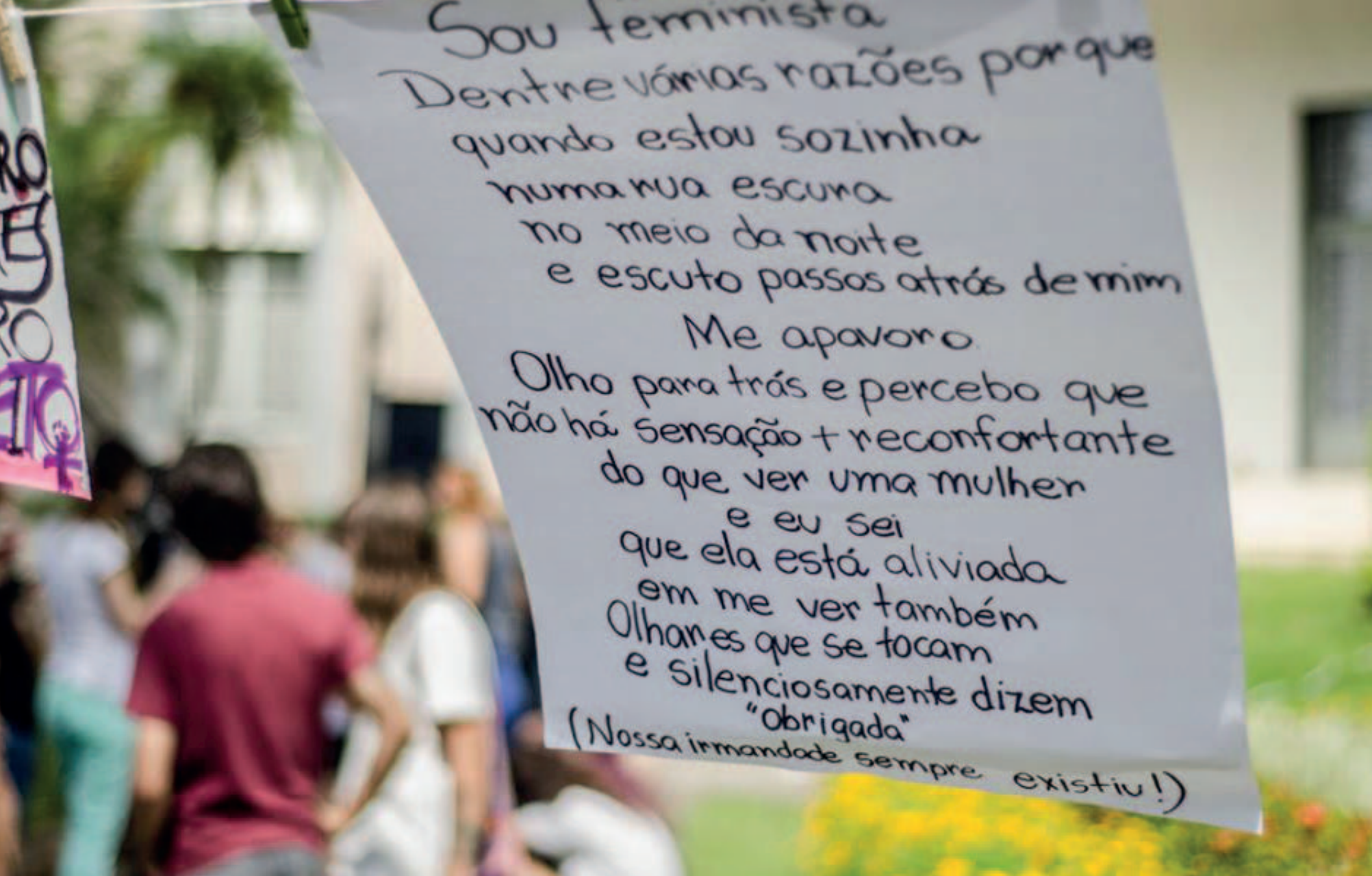
Portanto, não podemos ser ingênuos em acreditar que um capacete é apenas um capacete. Há sentidos e significados nisso. E não podemos perder a crítica e aceitar que só existe uma única posição, discurso ou ação capaz de dar conta de tudo e ser a melhor opção, e pior, a melhor opção em apenas duas possíveis. E, em minha opinião, é na democracia que devemos caminhar e sem capacetes.

POR UM MUNDO SEM MACHISMO

POR GEÓRGIA PAULA MARTINS FAUST, KATYANE CRISTINA E MARJORIE RODRIGUES

Discurso preparado pelo Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana, de Blumenau, para o Dia Internacional da Mulher. O grupo teve negado o direito de usar a Tribuna Livre pela Câmara de Vereadores. A tribuna é LIVRE para qualquer cidadão, segundo estatuto da Câmara, desde que seja enviado um ofício por uma entidade organizada, sem especificar claramente o que seja uma entidade organizada e se a palavra será concedida somente a membros destas entidades organizadas

FOTO: RAQUEL BASTOS



Dia 8 de março seria um dia como qualquer outro, não fosse pela rosa e os parabéns. Toda mulher sabe como é. Ao chegar ao trabalho e dar bom dia aos colegas, algum deles vai soltar: “parabéns”. Dizem que a rosa que nos entregam todos os anos nessa data simboliza a “feminilidade”, a delicadeza. A delicadeza da flor ao mesmo tempo é sua fraqueza. Qualquer movimento mais brusco lhe arranca as pétalas. Dizem o mesmo de nós: que somos o “sexo frágil” e que, por isso, devemos ser protegidas. Mas protegidas do quê? De quem?

A julgar pelo número de estupros, precisamos de proteção contra justamente aqueles que nos presenteiam com as rosas: os homens. Ah, mas os homens que estupram são psicopatas, dizem. São loucos. Não é com estes homens que nós namoramos e casamos, esses monstros são exceção. Mas, bem, segundo pesquisa Ibope/Instituto Patricia Galvão, 51% dos brasileiros dizem conhecer alguma mulher que é agredida por seu parceiro. No resto do mundo, em 40 a 70 por cento dos assassinatos de mulheres, o autor é o próprio marido ou companheiro.

De onde vem tanto ódio contra as mulheres? O patriarcado é um sistema social no qual a sociedade está organizada em torno de figuras de autoridade do sexo masculino. Neste sistema os pais têm autoridade sobre as mulheres, as crianças e a propriedade. Implica em instituições com regras e privilégios masculinos e é dependente da subordinação feminina. O patriarcado é um sistema social injusto e é opressivo para as mulheres. E ele está vigente. Desde sempre. E hoje também.

Vou comprovar com uma reflexão, para que todas e todos possam compreender exatamente do que eu estou falando aqui nesse dia, e especialmente nessa semana onde celebramos o Dia Internacional da Mulher.

Dizem que aquela rosa é um sinal de reconhecimento das nossas capacidades. Mas, no ranking de igualdade política do Fórum Econômico Mundial de 2008, o Brasil está em 10oº lugar entre 130 países. As mulheres têm 11% dos cargos ministeriais e 9% dos assentos no Congresso — onde, das 513 cadeiras, apenas 46 são ocupadas por elas. Do total de prefeitos eleitos em 2012, apenas 9,08% são mulheres. E nós mulheres

somos 52% da população.

Hoje, Blumenau possui 15 vereadores. 15 vereadores homens. Nenhuma vereadora. Vocês já se perguntaram por que hoje não temos nenhuma mulher vereadora? Já se perguntaram por que as mulheres acabam optando em ficar com posições nos bastidores, ou com os cuidados da casa, ou absorvidas em qualquer outra ocupação que não receba destaque?

Na história da Câmara Municipal de Blumenau, podemos contar nos dedos de uma mão quantas mulheres já foram vereadoras.

Maria do Carmo Carl 1977-1983 e 1983-1988

Yara Luef PMDB 1989-1992, 1993-1996

Alzina Micheluzzi PT 1997-2000

Maria Emília PT 2005-2008

De todas as mesas diretoras da Câmara, ou seja, de 120 cargos já ocupados na mesa, apenas três foram ocupados por mulheres.

Vamos começar então falando sobre esse espaço e sobre por que não há mulheres nele.

Esse processo, o de fortalecimento da representatividade feminina, tem que ser uma construção contínua. Existe hoje, uma cota de 30% de candidatas mulheres que devem ser preenchidas pelos partidos. Essas cotas mínimas para candidatas mulheres são um incentivo, mas não fazem tudo. Afinal, muitas vezes elas são preenchidas apenas para cumprir a lei, de modo que a maioria das candidaturas femininas não recebe o mesmo apoio dos próprios partidos que as candidaturas masculinas, o que faz com que mesmo que 30% dos candidatos sejam mulheres, não tenhamos 30% de mulheres eleitas, como podemos observar aqui nesta Casa.

É preciso mostrar que mulheres estão preparadas para a vida pública e podem ser votadas. Mas, principalmente (e minha preocupação sempre é com as mulheres), libertar as mulheres para também acreditarem que podem sair do ambiente doméstico. E quando falo em ambiente doméstico não estou apenas me referindo às mulheres que trabalham em casa. Refiro-me ao ambiente privado – os trabalhos domésticos sim, mas também os de cuidado, destinados quase que exclusivamente às mulheres, e justamente por isso, subvalorizados. A divisão sexual do trabalho que existe desde sempre, base social da opressão e da desigualdade. A gente

aprende, desde que nasce, que existem trabalhos de homem e trabalhos de mulher. E também aprende a hierarquizar esses trabalhos, onde os trabalhos ditos masculinos sempre valem mais do que os ditos femininos. A gente naturaliza e biologiza a diferença entre os sexos (onde, também, a mulher está abaixo do homem nesse ranking) e baseado nisso atribui a umas e outras as ocupações adequadas à sua suposta natureza.

A presença das mulheres é urgente, necessária e fundamental nas instâncias de decisão das organizações. Sejam essas instâncias os partidos políticos tradicionais, ou os sindicatos, ou as organizações sociais de militância onde estão inseridas. E essa presença não é algo fácil. É um caminho que deve ser aberto a facão mesmo. O espaço político é masculino por natureza, não apenas pela presença masculina majoritária, mas até por ter sido concebido e organizado no masculino, sendo bastante hostil para qualquer uma que se aventure. Afinal, não faz parte do universo dito feminino brigar, debater, discutir, discordar.

Existe, de verdade, em vários graus, uma relação problemática entre mulheres e o espaço público, que ultrapassa o não-querer das mulheres – então não vale o argumento de que teríamos mais mulheres em instâncias de poder se ao menos elas se candidatassem. Se antes havia claros meios institucionais e legais para impedir a ação política feminina, agora há meios mais sutis e menos visíveis que agem no sentido de desestimular e deslegitimar a participação política feminina, tornando a luta contra a hierarquia de gênero mais difícil. As que conseguem algum destaque no campo político, sofrem as formas mais sutis de violência simbólica. Em Blumenau, cidade extremamente sexista e conservadora, é normal que se tente de várias formas atingir as mulheres que se dedicam à política (quem lembra das acusações horríveis, espalhadas à boca pequena, sobre a moral de nossa última candidata a prefeita?)

Mas o que as feministas e os movimentos feministas têm a ver com isso? TUDO.

Penso que muitos têm uma ideia equivocada sobre o que é feminismo e pelo que lutamos. Feminismo é um movimento social, filosófico e político que tem como objetivo direitos iguais e uma vivência humana por meio da libertação das mulheres. Historicamente, foi o movimento feminista e ninguém mais além dele que lutou e promoveu os direitos das mulheres e seus interesses.

Se hoje mulheres podem votar, trabalhar fora de casa, praticar esportes e até mesmo vestir calças, foi graças às muitas mulheres feministas que lutaram antes de nós. O movimento feminista efetuou mudanças na sociedade ocidental, incluindo o sufrágio feminino (voto universal); maior acesso à educação; salários mais equitativos com os dos homens (mas ainda recebemos em média 20% a menos do que os homens para exercer as mesmas funções); o direito de iniciar o processo de divórcio; o direito da mulher de tomar decisões individuais relativas a gravidez (incluindo o acesso aos contraceptivos e ao aborto); e o direito de propriedade.

Se hoje mulheres têm direitos legais (direitos de contrato, direitos de propriedade, direitos ao voto), algum direito à sua autonomia e à integridade de seu corpo, algum direito reprodutivo (como o acesso à contracepção e a cuidados pré-natais de qualidade), alguma proteção contra a violência doméstica, o assédio sexual e o estupro, direitos trabalhistas, incluindo a licença-maternidade e salários iguais, foi graças às muitas mulheres feministas que lutaram antes de nós. E isso tudo fomos nós, mulheres quem conquistamos à força. Ninguém nos deu nada, não.

Se você é mulher, você sabe que é assim. Quantas vezes temos que nos impôr com 10x mais força do que qualquer homem para sermos ouvidas? E muitas vezes nem assim somos! Temos que trabalhar 10x mais para sermos promovidas. Temos que ser 10x mais ~eficientes~ para ganharmos o mesmo reconhecimento (mas não o mesmo salário). Temos que ser excelentes profissionais e perfeitas donas de casa para sermos ~boas mulheres~.

Diga para mim, mulher, que você nunca precisou se esforçar MAIS do que o razoável para conquistar a mesma coisa que seus colegas de profissão. Não temos voz em lugar nenhum. Olhe ao seu redor. Quem são os nossos vereadores? Quem é o prefeito? Quem é o governador? Quem é seu chefe, seu supervisor? Quem é o dono da empresa onde você trabalha? Ok, temos lideranças femininas, mas percentualmente, quantas? Quantas mulheres estão decidindo nosso futuro, nossas políticas públicas, o futuro de nossa cidade, de nossas crianças, de nossas idosas?

Um relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) coloca em números a relação trabalho e recompensa dividida por gêneros. Nós, mulheres, realizamos 66% do trabalho no planeta, mas só recebemos 10% da renda e somos donas de 1% – isso mesmo unzinho por cento – das propriedades existentes.

Quem só tem 10% da renda e 1% da propriedade é condenada a obedecer. O comportamento só muda se os números mudam e isso só acontecerá quando nós, mulheres, tivermos consciência da medida do problema.

O fato é: Nós não temos espaço algum se não o TOMAMOS. Porque nós não ganhamos espaço algum de graça. Tudo que conquistamos, como eu já disse anteriormente, foi e é no facão, abrindo picada a força, desde sempre. Com luta, com protesto, com passeata, com revolta. As feministas históricas agressivas. De que outra forma conseguiremos a atenção de vocês? Os milhares de anos de docilidade e submissão não funcionaram para sermos menos silenciadas, menos agredidas, menos estupradas, menos mortas por vocês homens. Sabe o que tem funcionando? O GRITO.

Vamos voltar ao começo. Patriarcado é o sistema vigente onde homens são superiores às mulheres. Ou seja: desde o nascimento (e até antes disso) os meninos vão aprendendo (através da família, da mídia, da escola e da sociedade) que o seu mundo não tem limites, eles podem fa-

zer o que quiserem. Brincam com lego e vídeo-games, ouvem e assistem filmes de super heróis, são incentivados a explorarem sua sexualidade. Já as meninas ganham bonecas para irem “criando” seu instinto materno, ouvem e assistem histórias de princesas que são salvas por príncipes em cavalos brancos, aprendem a sentar de pernas fechadas, a falar baixo, a não falar palavrão. Lugar de menina e consequentemente lugar de mulher é dentro de casa. O patriarcado ensina os meninos a serem fortes, durões, a falar alto e ensina as meninas a serem meigas, submissas e olharem pra baixo quando caminham. Ou seja: enche a bola dos meninos e destrói a autoestima das meninas.

Aí vivemos em uma sociedade patriarcal capitalista heteronormativa que incentiva o consumo. O consumismo diz que homens devem gastar seu dinheiro comprando um carro (propagandas de carros são sempre direcionadas aos homens) porque esse é um símbolo de poder e homens são poderosos, superiores. O consumismo também vende bebidas alcoólicas e festas (onde mulheres tem entrada free, ou seja são usadas como iscas) para os homens se divertirem. A maioria dos espaços é dominada por homens e nesse caso nem estou falando especificamente de política. Você vai em barzinhos, parques, clubes e a maioria das pessoas que frequentam são homens. Mulheres também frequentam esses espaços, mas dificilmente sozinhas. Geralmente acompanhadas de outras mulheres ou de seus maridos ou namorados. Quer coisa mais perigosa e convidativa a violência do que uma mulher sozinha fora de casa? (E até mesmo dentro de casa)

Todo dia 8 de março, volto para casa e vejo um monte de mulheres com rosas vermelhas na mão, no ônibus. “É um sinal de cavalheirismo”, dizem. Mas, no mesmo ônibus, muitas mulheres são encoxadas todos os dias. Enquanto não combatermos a ideia de que as mulheres que andam sozinhas por aí são “convidativas”, propriedade pública, isso nunca vai deixar de existir. Enquanto acharem que cantar uma mulher na rua é elogio, isso nunca vai deixar de existir.

A rosa que nos oferecem também simboliza beleza. Ah, o sexo belo. Mas é só passar em frente a uma banca de revistas para descobrir que é exatamente o contrário. Vocês nunca estão bonitas o suficiente, bobinhas. Não pode ser feliz enquanto não emagrecer. Não pode envelhecer. Não pode ter celulite (embora até bebês tenham furinhos na bunda). Você só terá valor quando for igual a uma modelo de 18 anos (as modelos têm 17 ou 18 anos até quando a propaganda é de creme rejuvenescedor...). E ainda assim, modelos são “photoshopadas”. Sua pele é alterada a ponto de parecer de plástico: ela não tem espinhas, nem estrias, nem olheiras, nem cicatrizes, nem hematomas, nenhuma dessas coisas que a gente tem quando vive. Ela sorri, mas não tem linhas ao lado da boca. Faz cara de brava, mas sua testa não se franze. É magérrima (às vezes, anoréxica), mas não tem nenhum osso saltando. É a beleza impossível, mas você deve persegui-la mesmo assim, se quiser ser “feminina”. O que o consumismo oferece às mulheres? Absorventes que as deixarão felizes, sabonetes íntimos que te fazem crer que sua vagina é nojenta, coisas para a casa e para os filhos, salões de beleza (manicure pedicure tintura depilação) e toda a indústria da beleza: “Você nunca está magra e bonita o suficiente, consuma nossos produtos”. Desde a raiz do seu cabelo até o dedão do seu pé, você precisa se adulterar pra ser gente.

Porque, sim, feminilidade é isso: é “se cuidar”. Você não pode relaxar. Usar uma infinidade de cosméticos e fazer plásticas é a maneira (a única maneira, segundo os publicitários) de mostrar a si mesma e aos outros que você se ama. “Você se ama? Então corrija-se”. Por mais contraditória que pareça, é esta a mensagem.

Enquanto os homens gastam seu dinheiro com diversão, mulheres estão gastando com fórmulas milagrosas pra emagrecer, roupas e salão de beleza numa tentativa inútil de corresponder as expectativas do patriarcado capitalista-consumista. “Querida, você tem que ser boa mãe, boa dona de casa, boa profissional e boa esposa. Você não tem tempo pra se divertir e muito menos pra refletir sobre o seu lugar nessa sociedade. Você é só uma mulher, insegura, feia e gorda. Sorte a sua se conseguir “agarrar” um homem que queira casar contigo. Se conseguir isso, você pode se considerar feliz e satisfeita, sua vida valeu a pena.”

Aí vem o feminismo e diz à mulher: “Você é forte, seu corpo é seu, você pode fazer o que quiser com ele e com sua vida. Você não precisa de um homem para viver bem e ser feliz. Chega de padrões de beleza, as outras mulheres são tão vítimas desse sistema quanto você e isso que sempre te disseram, que mulheres são rivais é mentira. “

O que acontece?

As mulheres começam a refletir, a desconstruir o papel de gênero que foi imposto à elas, vêem com outros olhos as outras mulheres e de repente se sentem fortes e muito indignadas. Precisamos mudar isso, o mundo está muito errado. Não é nesse tipo de sociedade que queremos viver, também somos gente, queremos fazer nossas escolhas, sem que todos os nossos limites sejam traçados por biologismos imbecis. E então conseguimos entender porque o feminismo é tão odiado pelos homens. Feminismo liberta, feminismo traz revolta, dá voz para quem aprendeu que deveria ficar calada e aceitar tudo que lhe é imposto.

Sim, a sociedade, os homens, têm razão em odiar as feministas.

Então, dá licença, mas eu dispense esta rosa. Não preciso dela. Não a aceito. Não me sinto elogiada com ela. Não quero rosas. Eu quero igualdade de salários, mais representação política, mais respeito, menos violência e menos amarras. Eu quero, de fato, ser igual na sociedade. Eu quero, de fato, caminhar em direção a um mundo em que o feminismo não seja mais necessário.

Nós não vamos esperar vocês darem espaço para nós - porque vocês não vão dar. Nós, mulheres, vamos tomar esse espaço a força, sempre que for necessário. Nós vamos estar em todos os lugares, defendendo nossas irmãs. Isso VAI ACONTECER.



Uma multidão participou da última edição da Feirinha da Servidão do Wollstein, dia 8 de março. A próxima está marcada para o dia 12 de abril
FOTOS: JAIME BATISTA

UMA CIDADE PARA PESSOAS

Iniciativas que garantem a humanização da cidade ganham força em Blumenau. Feirinha da Servidão do Wollstein, Pedais Urbanos e grupo de Caronas FURB são alguns dos exemplos

POR MAGALI MOSER

Jornalista <magali.moser@gmail.com>

Iniciativas que nasceram tímidas ganham as ruas de Blumenau em prol da humanização da cidade. Movimentos em defesa da convivência e do espaço público conquistam espaço e evidência. Uma dessas iniciativas é a Feirinha da Servidão do Wollstein, que acontece todos os meses com o objetivo de promover a diversidade cultural da cidade (*leia mais na página ao lado*) e estimular o convívio. Outro movimento é formado por ciclistas que se reúnem pelo menos uma vez por semana para pedalar em grupo, com a dinâmica de promover uma outra relação com a cidade. Há também o recém criado grupo Caronas Furb, já com mais de 700 adeptos, numa prova de que há demanda capaz de justificar o movimento.

“O grupo de terça é mais de pedal, mas tem entre os que participam membros de movimentos cicloativistas, Associação Blumenauense Pró Ciclovias, Bike Anjo, Bicicletada e outros movimentos não ligados diretamente a cicloativistas, mas correlatas”, explica o ciclista Carlos Roberto Pereira. Ele avisa que qualquer um pode participar, basta ir ao Parque Ramiro Ruediger às 19h30min, terças-feiras, e observar os equipamentos de segurança pedidos. Além desse, há outros grupos na cidade. Também nas terças há o pedal do Marlon, com saída do Teatro Carlos Gomes, um grupo com saída da Havan, e outros grupos independentes... “Eu pedalo de vez em quando desde 2010, mais assíduo desde de 2013. Pedalar pode ou não ser uma atividade individual... pois nem em competição ela é individual, há provas em grupo, trocas e ajudas... mas o pedal de terça serve como relacionamento, a ajudar um ao outro, além da sensação de segurança de estar pedalando em um grupo...”, conta Pereira. Uma outra iniciativa que pode ser citada nesse contexto é o grupo virtual Caronas FURB, criado pelo estudante de Design da FURB, Jefferson de França, em setembro do ano passado. O objetivo é propor alternativas de superação para as dificuldades do trânsito de Blumenau,

causadas pelas deficiências no serviço prestado pelo transporte público, com superlotação dos ônibus, poucos horários, atrasos por congestionamento. O Caronas FURB sugere que a pessoa leve a outra de sua casa até a universidade e vice-versa, com a intenção de melhorar as condições ambientais, evitar engarrafamentos e diminuir acidentes graves de trânsito. A carona pode ter múltiplos significados, como a economia de recursos financeiros e novas práticas de interação social baseadas na co-operação e solidariedade.

De acordo com o idealizador do grupo, ameaças de crise no transporte público levaram à criação do movimento. “Como a FURB tem mais 10.700 alunos, isso ajuda as pessoas a se sentirem mais seguras, pode criar laços de amizade. Contribui na diminuição de carros e vai diminuindo o preconceito que algumas pessoas ainda têm sobre dar carona”, avalia.

Ele quer que o grupo de caronas promova a confiança entre as pessoas e não se limite apenas à FURB, mas que se espalhe por Blumenau. A procura pela carona aumentou nos dias da greve do transporte coletivo, em fevereiro. Desde então, o grupo cresceu. Hoje, são mais de 700 adeptos. Para o professor de Arquitetura e Urbanismo, Dr. João Francisco Noll, os veículos automotivos não devem ser a única forma de locomoção entre as pessoas. As alternativas de transporte podem permitir maiores mobilidades urbanas, melhorando a vida nas cidades.

Os grupos de pedal e de caronas são algumas das iniciativas capazes de transformar a cidade num espaço de convivência que valoriza as pessoas, assim como a Feirinha do Wollstein. O Expressão Universitária abre espaço para esses movimentos por entender que eles contribuem para a cidadania e ajudam a tornar Blumenau um espaço melhor. Se você conhece algum outro movimento assim, entre em contato conosco! Sua sugestão pode se tornar pauta!



Atento ao movimento que transforma o Centro da cidade no segundo domingo do mês, o Expressão Universitária entrevistou o jornalista Leo Laps, um dos idealizadores da Feirinha da Servidão do Wollstein, juntamente com Giovanni Ramos e Fábio Wollstein. A próxima edição está marcada para o dia 12 de abril, na Rua Floriano Peixoto. Confira!

Expressão Universitária - A feirinha nasceu de um desejo individual? Como tomou as proporções observadas no último domingo?

Leo Laps - A feirinha foi criada de um jeito meio improvisado, sem planos, sem expectativas. Tínhamos uma data para tocar com minha banda naquele primeiro domingo em dezembro. Houve um imprevisto que impossibilitou o show. Em vez de abrir mão da data, falei com o Fábio que poderíamos fazer algo diferente. Já tínhamos conversado sobre a possibilidade de reunir uma galera pra vender vinil, brechó, artesanato, etc. Aí ele lembrou que o Giovanni queria fazer um evento do grupo de escritores do qual faz parte. Há alguns anos eu já pensava que cabia uma feirinha como a do Largo da Ordem ali na Curt Hering. Sempre achei que uma cidade turística precisa, antes de tudo, ser turística para seus moradores. Eles precisam ir para as ruas, precisam se ver, conversar, se conhecer. E não dá pra ficar esperando que a prefeitura, que o poder público, faça tudo. Eles fazem o que podem dentro de suas contingências orçamentárias, ao meu ver. É preciso

que as próprias pessoas reinventem suas cidades. Não é o poder público que vai definir como a população usa sua cidade, mas o contrário, e quanto mais conhecermos nossa cidade, mais engajados estaremos para opinar, protestar e lutar pelo que achamos melhor para ela, como um todo.

As proporções do último domingo não foram uma ascendente direta. Tivemos algumas edições no ano passado com um público bem pequeno, também fomos aprendendo com nossos erros, tentamos métodos diferentes de inscrição, tivemos que lidar com Dia Dos Pais, Copa do Mundo, etc, em algumas não divulgamos adequadamente, por falta de tempo. Parece que a coisa pegou de vez a partir de dezembro, quando melhoramos a divulgação e fomos para a rua pela primeira vez. Vale ressaltar que criamos a Feirinha como uma espécie de voluntarismo, e não um empreendimento em si. E é assim que a coisa continua. Cobramos um valor simbólico, para cobrir custos e ter algum dinheiro para investir em divulgação, em melhorias, etc. Queremos que qualquer pessoa possa vender suas coisas, seja em uma ou outra edição ou em todas. Então acho que foi isso que marcou, é um evento muito vantajoso para os feirantes, e tem um clima bem libertário, de conquista da cidade, do espaço que é nosso.

Expressão - A feirinha começou no corredor do Butiquin Wollstein até tomar a Floriano Peixoto. O próximo passo é o fechamento da Rua Curt Hering, para depois tomar a XV?

Leo - Olha, isso depende muito do apoio do poder público. No momento em que pedimos o fechamento da Rua Marechal Floriano Peixoto pela primeira vez, em dezembro, tivemos apoio irrestrito do Sylvio, da FcBlu, que agilizou tudo com o Seterb pra nós. Em março, mesma coisa, e esperamos que essa parceria se solidifique. Temos alguns entraves ao crescimento da Feirinha para a Curt Hering, pois há hotéis ali, que precisam de livre saída para seus hóspedes. A Rua XV, pelo menos um pedacinho dela, pode ser uma opção, uma extensão da Rua do Lazer. Sentimos que vamos precisar de cada vez mais espaço;

Expressão - A feirinha parece ter se consagrado como ponto de encontro da diversidade. Esta é a principal característica que você observa nela?

Leo - Como cobramos 30, 25 reais por inscrição, qualquer pessoa pode participar. Uma inscrição de 50, 100 reais, com certeza seria proibitiva para uns 40% do feirantes, chutando por cima. Então isso ajuda a trazer diversidade. É um evento gratuito, e o povo aqui em Blumenau, todos eles, classes, ideologias, etc, estão de saco cheio de ficar em shopping, de ficar em casa vendo TV no fim de semana. Pelo menos muita gente, cada vez mais gente. Então todo mundo pode passar ali. Temos gente de TODAS as idades, famílias, gurizada, é um ponto de encontro. Tem amigos que só vejo na feirinha, mas vejo em TODAS as edições. Isso é lindo!

Expressão - Houve entraves para viabilizar a ideia? Quais?

Leo - Vi que em Brusque ia rolar um evento numa praça agora domingo e foi cancelado pois não conseguiram alvarás e também não conseguiram dois banheiros químicos com a prefeitura. Dei na Contracapa semana passada, Deliberado o nome do evento. Aqui, talvez porque começamos o evento em solo privado, na servidão e depois no estacionamento, não tivemos nenhum problema do tipo. E agora que estamos na rua também não houve burocracia. A feirinha sempre fluíu. O que atrapalhou até hoje foi chuva, uma vez em que tivemos um ruído de comunicação com o fornecedor de mesas e cancelamos o evento, coisinhas assim.

Expressão - Quais os desafios principais da organização?

Leo - Somos em poucos, eu, Gio, Jean e Fabio. As vezes parece que falta perna, pois a feirinha é, como eu falei, um lance voluntário, então as vezes pecamos um pouco, falta talvez uma profissionalização. Mas por outro lado nos viramos, e tem dado certo, e talvez seja melhor manter assim. O espírito da feirinha. Outro desafio é gerenciar melhor as inscrições. Como a galera paga só no dia, há casos de gente que se inscreve e não vai. Bem chato isso. Tentamos uma vez cobrar via boleto e não deu certo, mas estamos repensando isso. Outro desafio é encontrar fontes de financiamento para pagar bandas e outros artistas que se apresentam na feirinha. Até hoje, todos, com exceção de dois artistas que o SESC contratou em março, se apresentaram de forma totalmente voluntária. Há uma fila de gente querendo tocar mesmo assim, mas achamos que é justo dar um cachê para eles, mesmo que simbólico. Pretendemos colocar um projeto no Fundo Municipal de Cultura para bancar isso. Mas desde a última edição o SESC está pagando o som também, e esperamos que essa parceria cresça.

Expressão - A feirinha está consolidada no calendário cultural da cidade?

Leo - Se você me perguntasse isso em novembro, eu diria que ainda não. Mas depois que fomos pra rua, em dezembro e março, em acredito que sim!

A GUERRA DO CONTESTADO E O LIVRO DIDÁTICO



MÁRCIA SCHÜLER - MANIH

Após seu centenário, distanciamentos ou aproximações, permanências ou ausências no livro didático

POR JULIANA FERREIRA

Bacharel e licenciada em História pela FURB < juliferreira1978@gmail.com >

O Título A Guerra do Contestado nos livros didáticos das escolas do PIBID - História em Blumenau no ano 2014 foi um Trabalho de Conclusão de Curso em História realizado por mim no ano de 2014.

Foram vários os fatores que me motivaram na escolha deste tema, inicialmente com a peça teatral O Contestado do grupo teatral UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina apresentada no 26º Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau no ano de 2013. Posteriormente, as leituras sobre o tema me conduziram até Chapecó no II Simpósio Nacional sobre o centenário do Movimento Contestado em abril de 2014. Foram mais de 30 apresentações neste evento com professores pesquisadores renomados como Paulo Pinheiro Machado, Alexandre de Oliveira Kasburg, Marcia Janete Espig, Delmir Valentin, Rogerio Rosa e tantos outros que vem agregando novas leituras sobre os aspectos econômicos, políticos e culturais enriquecendo ainda mais a historiografia da Guerra do Contestado. Neste sentido, o objetivo principal deste trabalho foi analisar se estas produções historiográficas sobre o Contestado tem causado algum impacto no conteúdo do livro didático.

Grande parte das instituições públicas de ensino não tem acesso a outros materiais que não sejam o livro didático, desse modo, ele é o instrumento mais utilizado no cotidiano escolar. O número excessivo de alunos por turma e a quantidade de classes assumidas pelos professores são alguns dentre vários motivos possíveis para explicar a adoção e aceitação de determinados livros, manuais ou apostilas como único material didático a ser utilizado para o ensino. Dentro das inúmeras

funções que o livro didático desempenha, uma delas é a sua função social, altamente relevante na medida em que trata-se da formação para a orientação individual e coletiva do ser humano.

Portanto a leitura deste material possui posição privilegiada devido a facilidade de seu acesso mas, é também controle sobre o escrito, sobre os conteúdos, ou seja, um conhecimento autorizado e codificado. Diante disso, este trabalho consistiu também em compreender de que forma o livro didático se estabelece na sociedade e a participação dos sujeitos em sua construção. As discussões sobre o livro didático focaram-se sobretudo na sua produção, escolha e distribuição. Neste aspecto, vários autores puderam contribuir na compreensão da diversidade dos sujeitos que estão por trás da produção do livro didático. Como Kazumi Munakata (1997) ao destacar de forma crítica que na busca da “modernização empreendida nos conteúdos didáticos” muitos se apresentam de forma superficial e empobrecidos. Palhares (2012) ao analisar livros didáticos de duas editoras (Araribá e Moderna), verifica que, a partir de um projeto de ensino, vários profissionais são contratados em caráter de free-lancer comprometendo em grande maioria a precisão sobre os conteúdos no livro didático.

As fontes desta pesquisa foram três livros didáticos de três escolas vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas a Iniciação a Docência (PIBID) no ano de 2014 pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), proporcionando um maior diálogo com essas escolas, este trabalho pode auxiliar professores a fazer uma avaliação com maior propriedade dos conteúdos dos livros didáticos. Tendo como referência este movimento social, analisamos se as imagens e textos in-

seridos neste material aproximam-se das inúmeras contribuições e debates que vem ocorrendo sobre o tema na atualidade.

Completados cem anos (1912-1916),a Guerra do Contestado foi um conflito que envolveu a população rural do planalto catarinense e causou a morte de aproximadamente 20 mil pessoas. Dentre as inúmeras causas que culminaram neste acontecimento, a definição de fronteira entre o Paraná e Santa Catarina, a luta em oposição ao coronelismo, a exploração de empresas estrangeiras em territórios já habitado e o preconceito contra a religiosidade sertaneja foram alguns dos motivos que levaram a comunidade sertaneja a lutar pelos seus direitos. Trata-se de um movimento que expressou formas de luta em diversos sentidos: pela posse de terra; pela preservação de valores culturais presente em sua religiosidade; pela sua própria sobrevivência; foi uma luta contra as relações capitalistas no campo.

Ao partirmos para a análise dos três livros didáticos (Livro Didático I - APOLINÁRIO, Maria Raquel. Projeto Araribá: História. Editora Moderna (Org). 3. ed. São Paulo: Moderna, 2010; Livro Didático II - BOULOS Jr, Alfredo. História: sociedade & cidadania - 9º ano. 2. ed. São Paulo: FDT, 2012; Livro Didático III - COTRIN, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. Saber e Fazer História - 9º ano. 7. ed. São Paulo:Saraiva, 2012), verificamos distanciamentos, distorções e ausências como podemos verificar.

“No início do século XX, muitos agricultores e posseiros se estabeleceram na área. Mas, ao longo dos anos, viram seus territórios serem ocupados por fazendeiros interessados na extração da erva-mate e madeiras” (Livro Didático I. p,54). O estabelecimento de povoados no planalto catarinense já ocorria muito antes do século XX com a presença de várias etnias, como indígenas e negros ainda, no século XVIII, a região foi caminho de tropeiros que guiavam o gado da região sul ao sudeste do país. Ainda, a maior interessada pelas madeiras do planalto catarinense era a empresa madeireira Brazil Lumberand Colonization que detinha maquinário para a exploração deste produto.

O tratamento da posse de terra é abordado de forma incompleta no Livro Didático II, ao considerar que “Na região do Contestado, reinava um clima de forte tensão social, pois os coronéis locais expandiam suas fazendas de gado e de erva-mate, tomando terras dos indígenas e dos posseiros a força” (Livro Didático II, p. 80), dando a entender que não haviam leis que legitimassem tais atos, o que não é verdade.O processo de legitimação de terras ocorria desde 1850 com a Lei de Terra.

A participação da empresa estadunidense no Livro Didático I expõem que “A presença de grandes companhias estran-

geiras, envolvidas na construção de estradas de ferro, também reduzia as lavouras de subsistência das famílias camponesas [...] Além disso, os operários recrutados para a construção da ferrovia foram demitidos e proibidos de viver às margens da estrada”. (Livro Didático I, p.54). Neste livro didático, não é mencionado o nome da empresa estadunidense Brazil Railway Company e da subsidiária Brazil Lumberand Colonization no envolvimento da construção da estrada de ferro. A menção sobre à estrada de ferro São Paulo - Rio Grande não elucida os motivos que levaram sua idealização e muito menos aponta sua interligação com o Estados do Paraná e Santa Catarina. A falta de informações sobre isso, acompanhado pela ausência de mapa, que ajudaria a situar os alunos sobre as cidades envolvidas no conflito, prejudica de certa forma a compreensão sobre o envolvimento da empresa estadunidense e da estrada de ferro no contexto da Guerra do Contestado. De forma superficial, a autora do Livro Didático I não esclarece estas questões, que são tão importantes para a compreensão do movimentos social que viria a se fortalecer em decorrência disso.Outro equívoco encontrado no Livro Didático I é a informação de que os operários após a construção da ferrovia foram demitidos e proibidos de viver às margens da estrada. Não há respaldo documental sobre isso, talvez o que aproxima da historiografia é que, com o final da construção da ferrovia, o desemprego foi significativo principalmente para os moradores da região que contavam com esta fonte alternativa.

Informações como “O interesse da Lumber, porém não era colonizar, mas explorar o pinho e a imbuia da rica floresta nativa. Os dirigentes da empresa norte-americana, então, pagaram capangas para expulsar os sertanejos daquela área e instalaram em Três Barras (SC) o maior complexo madeireiro da América do Sul, na época” (Livro Didático II. p,80). Dos 400 empregados em 1912, 50% era de origem polonesa e ucraniana e 30% de origem alemã. Contrariando a informação presente no Livro Didático II, as regiões ocupadas pela empresa, depois de desmatadas, eram loteadas e vendidas a colonos, principalmente poloneses e ucranianos. Para consumir tais in-

“

Ao verificarmos as simplificações e superficialidade deste tema no material didático podemos pressupor que autores e editores a partir de um projeto de ensino, contratam vários profissionais em caráter de free-lancer comprometendo em grande maioria a precisão sobre os conteúdos no livro didático. Aí entra o papel do professor pesquisador e crítico ao livro didático



Fonte: APOLINÁRIO, Maria Raquel. Projeto Araribá: História. Editora Moderna (Org). 3ª ed. São Paulo: Moderna 2010. p,54



Fonte: BOULOS Jr, Alfredo. História: sociedade & cidadania - 9º ano. 2ª ed. São Paulo: FDT, 2012. p, 81



Fonte: COTRIN, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. Saber e fazer história, 9º ano, 7ª ed. São Paulo:Saraiva, 2012

teresses, a Brazil Lumberand Colonization as aplicava com um contingente de 300 guardas e não capangas.

A interpretação dos monges e a sua relação com a religiosidade sertaneja no livro didático são tão equivocadas quanto as três imagens acima. Sobre as imagens designadas aos monges envolvidos no contexto do movimento religioso, verificamos que foi utilizado a mesma imagem nos três livros didáticos, porém, a referência dada aos personagens não corresponde aos mesmos e nem ao seu contexto histórico. Houve na religiosidade sertaneja três monges distintas em épocas diferentes, cada um com aspectos e práticas. As imagens, as ilustrações, em sua maioria, utilizam linguagens visuais variadas, nesse sentido, carecem de informações fundamentais, como autoria, data e acervo ao qual pertencem. Ao conferir as imagens e o

conteúdo relacionado aos monges envolvidos no Contestado percebemos que as imagens apresentam contradições entre o texto e a legenda, dificultando seu uso como fonte histórica.

Essas são apenas algumas das inúmeras constatações encontradas nos livros didáticos analisados. Ao verificarmos as simplificações e superficialidade deste tema no material didático podemos pressupor que autores e editores a partir de um projeto de ensino, contratam vários profissionais em caráter de free-lancer comprometendo em grande maioria a precisão sobre os conteúdos no livro didático. Aí entra o papel do professor pesquisador e crítico ao livro didático, cabendo a este buscar através de várias pesquisas novos olhares junto aos seus alunos, contrapondo o que vias de regra se estabelece nos conteúdos dos livros didáticos de forma geral.



AÇÕES INCENTIVAM A PRÁTICA DA LEITURA

Ações ao incentivo à leitura ganham ênfase em abril. A Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller e Comitê Regional do Proler promovem em abril o Circuito de Literatura Nacional em comemoração ao Dia Nacional do Livro Infantil. Dois de abril é o Dia Internacional do Livro Infantil, em homenagem a Hans Christian Andersen, um dos maiores escritores de contos para crianças e o dia 18 é comemorado o Dia Nacional do Livro Infantil, homenagem a Monteiro Lobato, escritor brasileiro com uma vasta produção literária. Para lembrar essas datas, o Comitê Regional do Proler lança, em parceria com prefeituras dos municípios de Blumenau, Indaial, Timbó, Brusque e Pomerode, o Circuito de Literatura Nacional, movimento literário que desenvolve diversas atividades para promover a leitura e as bibliotecas, contribuindo principalmente com a formação de leitores. A programação contempla a leitura e a contação de histórias conduzidas por personagens de Monteiro Lobato, que envolvem as crianças no universo da fantasia de maneira lúdica e divertida proporcionando aos pequenos leitores a oportunidade de se encantarem com as letras e a literatura. Atividade: Circuito de Literatura Nacional - Leitura e contação de história. Quando: 13, 14, 15, 16 e 17 de abril. Onde: Biblioteca Pública Municipal Dr. Fritz Müller. Horário: 8h30min, 9h45min, 14h e 15h15min.

SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR É TEMA DE DEBATE

A ACAMT (Associação Catarinense de Medicina do Trabalho) promove em Blumenau dois eventos neste ano, com apoio do Núcleo de Segurança e Saúde do Trabalho da Acib. O objetivo, além de debater a saúde mental do trabalhador, é aproximar a associação do interior do Estado, organizando eventos fora da capital. No dia 28 de março ocorre a 1ª Reunião Científica da ACAMT de 2015, com o tema "Aspectos do trabalho como fator de proteção à saúde mental", no auditório do bloco J da Furb. Haverá palestra do coordenador do setor de Saúde Mental e Psiquiatria do Trabalho do Instituto de Psiquiatria da USP, Duílio Antero de Camargo, e uma mesa redonda com a participação de especialistas da região. O evento será gratuito e deve reunir cerca de 150 profissionais.

Já entre os dias 30 de abril e 2 de maio ocorre a 18ª Jornada Catarinense de Medicina do Trabalho, que deve reunir cerca de 200 profissionais de todo o Estado no Hotel Himmelblau, em Blumenau, para tratar temas como gestão integrada em segurança e saúde no trabalho, qualidade de vida do trabalhador idoso, INSS e medidas provisórias, trabalho em condições especiais, entre outros.

O objetivo é focar na saúde e não na doença.

CURTAS



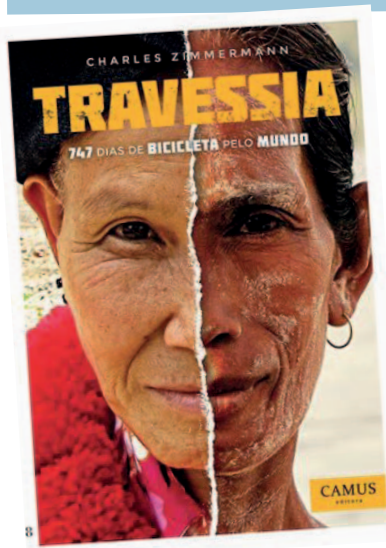
FOTO: ARQUIVO

PROFESSOR DA UFMG FAZ PALESTRA NA FURB

O Presidente da Associação Nacional de História, Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta (UFMG) é uma das atrações mais esperadas da Semana de História da FURB. A palestra será na abertura da Semana, dia 4 de maio, às 19h, no auditório da Biblioteca da FURB, no campus 1. O professor Motta vai falar sobre a ditadura militar e as universidades brasileiras. A XXII Semana de História ocorre entre os dias 4 a 8 de maio com o tema "A História em perspectiva: desafios do historiador no sec. XXI". A programação completa está no site do evento: <http://cahclio.wix.com/xxiisemanaacademica>. As inscrições custam R\$ 20,00 para ouvintes e R\$ 25,00 para apresentador de trabalho. Será aberta para outros cursos a possibilidade de apresentar trabalhos em quaisquer dos dez simpósios temáticos (História da África, História da América, História(s) do Brasil, História Antiga e Medieval, Práticas de Ensino em História, Teoria, Metodologia e História da Historiografia, História Ambiental e História(s) do tempo presente). Outras presenças confirmadas, são: Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado (UFSC), Prof. Dr. Luiz Geraldo Santos da Silva (UFPR), Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco (UNIFESP) e Prof. Me. Fábio Paiva Reis (UM - Portugal).

ESCRITOR DOUGLAS ZUNINO REÚNE SUAS HISTÓRIAS EM AUTOBIOGRAFIA

O escritor blumenauense Douglas Zunino se prepara para lançar sua autobiografia. O livro vai reunir memórias de infância, passando pela adolescência, seu envolvimento político e sua trajetória artística. Ainda sem data para lançamento, o livro utiliza poemas do autor como ilustração do contexto de cada época. Segundo o autor, a mescla dos poemas com os textos autobiográficos é uma das principais novidades da obra. O livro começou a ser produzido em outubro do ano passado e exigiu do escritor um reencontro com o seu passado além de ampla pesquisa de jornais e outras publicações de época. Este é o oitavo livro do autor nascido em Itajaí, mas "blumenauense até a medula", como ele próprio define. Douglas Zunino é considerado representante da poesia alternativa na região. Sua primeira publicação foi um fanzine em 1984, a seguir continuou publicando livretos e livros de poesia.



ALUNO DA FURB LANÇA LIVRO EM BLUMENAU

O estudante do Mestrado em Administração da FURB Charles Zimmermann lançou dia 26 de março em Blumenau o livro Trave-sias - 747 dias de bicicleta pelo mundo. O lançamento seguido de sessão de autógrafos com o autor ocorreu na Livraria Catarinense do Shopping Neumarkt. O fascínio pelo exótico, o desejo insaciável de rever e descobrir o que existe do outro lado do mundo levou Charles a partir, sozinho, para uma viagem de 747 dias, pedalando por 40 países em quatro continentes. A bicicleta foi sua ferramenta e lhe ofereceu total liberdade. Charles foi entrevistado em março no Programa Cidadania em Debate, do SINSEPES, na FURB TV.



FOTO : MAGALI MOSER



FOTOS: RICARDO SCHERS DE GOES

PROTESTO EM BUSCA DE SOLUÇÕES PARA O FIES

Universitários da FURB protestam após corte de FIES. No último semestre, 2.675 alunos renovaram o contrato do FIES na universidade

Cerca de 2 mil estudantes da Furb se manifestaram dia 16 de março contra a medida do governo federal que suspendeu a renovação do financiamento das mensalidades através do FIES, para alunos de instituição de ensino que tiveram reajuste superior a inflação. A FURB possui atualmente 11 mil alunos. São 2,6 mil que financiam parcial ou integralmente o valor da mensalidade.

Os universitários também pediram que a Furb busque incentivos financeiros privados e públicos. Segundo os manifestantes, hoje 73% da renda da universidade corresponde ao pagamento das mensalidades. Os estudantes interromperam o trânsito na Rua Antônio da Veiga e caminharam até a Praça do Estudante.

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) da FURB garantiu na Justiça que todos os alunos da Universidade possam renovar os contratos com o Programa de Financiamento Estudantil (FIES) e cursar o primeiro semestre de 2015 sem nenhum problema.

“Defiro a antecipação dos efeitos da tutela para determinar que as rés possibilitem aos alunos da Universidade Regional de Blumenau o aditamento dos contratos de financiamento para o período letivo 2015-1, sem a imposição de qualquer restrição quanto ao percentual de reajuste praticado pela instituição de ensino, no prazo de 10 dias, sob pena de multa de R\$ 10.000,00 por dia de descumprimento, valor que se justifica pelo número de alunos atingidos”, é o que diz a sentença proferida pela juíza federal substituta Lívia de Mesquita Mentz.

A decisão é fruto de uma ação civil pública protocolada pelo DCE da FURB contra o governo federal que mudou as regras do financiamento no final do ano passado estabelecendo que só teriam direito ao financiamento alunos de instituições que tivessem reajustado as mensalidades em até 6,41%. A FURB aplicou aumento de 8,59%. “Esta é uma grande conquista não só para os acadêmicos da FURB, mas para



toda a comunidade acadêmica do país, porque vamos acabar abrindo um precedente e ação poderá ser usada como jurisprudência. O movimento estudantil da nossa Universidade está mostrando a força que tem”, disse o presidente do DCE, John Maicon Albanis.

Os universitários da Furb poderão renovar os contratos com o Programa de Financiamento Estudantil (FIES) e cursar o primeiro semestre de 2015 sem problemas. A decisão publicada pela Justiça Federal é pioneira no sul do país, segundo a assessoria jurídica do Diretório Central dos Estudantes (DCE), o que possibilita que outros diretórios acadêmicos também consigam o benefício na Justiça. A entidade estudantil da Furb entrou com ação civil pública contra a decisão do governo federal. A decisão da juíza federal substituta Lívia de Mesquita Mentz proíbe o FNDE de impor restrições referentes aos percentual de reajuste aplicado pela universidade.



LADO B

A EDUCAÇÃO DA PÁTRIA NÃO TEM FUNDO

Em seu discurso de posse a Presidente Dilma PT anunciou ao Congresso Nacional e a Nação brasileira que o lema de seu próximo governo 2015-2018 seria Brasil: Pátria Educadora. A expressão sintetizaria a importância que a educação assumiria em seu novo governo: “Ao bradarmos ‘BRASIL, PÁTRIA EDUCADORA’ estamos dizendo que a educação será a prioridade das

prioridades, mas também que devemos buscar, em todas as ações do governo, um sentido formador, uma prática cidadã, um compromisso de ética e um sentimento republicano.” O impacto dessas palavras comoveu os brasileiros...

Mas nem bem o novo governo começou e a educação da pátria entrou em crise. Ao invés de refletir uma política de Estado, o bordão Brasil: Pátria Educadora constituiu apenas o slogan de uma peça de marketing infeliz. Nenhum ressentimento com o estelionato eleitoral... Ou alguém tinha dúvida que o discurso para chegar no governo seria diferente do discurso de governo? Ocorre, contudo, que o “ajuste sujo” cortou R\$ 7 bilhões da “prioridade das prioridades”. Isto bloqueou, principalmente, o FIES – Fundo de Financiamento Estu-

dantil. Porque os problemas do FIES apareceram somente após a eleição?

O FIES constitui um programa do MEC que financia o acesso a cursos superiores não gratuitos. Foi implantado em 1999 no Governo FHC. É o sucessor do antigo Crédito Educativo criado Regime Militar. A partir de 2010 o programa adquiriu relevância crescente após as alterações normativas e operacionais. A dívida passou a ser paga após a forma-

tura com juros 3,4% ao ano. Estimativas dão conta de que o custo do FIES evoluiu de R\$ 1,1 bilhão em 2010 para R\$ 13,4 bilhões no ano passado. Isto significa que o FIES saltou de 76 mil em 2010 para 1,9 milhão atendidos 2014. Mais um quarto dos estudantes!

Trata-se de um programa complexo e burocrático. Envolve a calibragem de cinco atores com interesses heterógenos: 1) a União, como financiadora do crédito: ampliação do acesso ao ensino superior; 2) o estudante, como beneficiário: formação superior; 3) a Instituição de Ensino Superior: aumento do número de alunos; 4) o FNDE, como agente operador: sustentabilidade financeira; 5) Instituições Financeiras, como agentes operadores: lucro com o gerenciamento. As tensões latentes entre esses atores se tornaram mais explícitos em função da abrangência da reestruturação do FIES.

Ocorre que em dezembro de 2014 o MEC reestruturou o FIES. Por um lado, estabeleceu novos critérios: a) um prazo de cadastro mais curto; b) notas mínimas no ENEM; c) limite para reajuste da mensalidade; d) priorização de contratos por regiões. Por outro lado, centralizou ainda mais o processo de gerenciamento por meio no MEC criando o Sis-Fies. Esta reformulação travou o sistema e fez com que milhares de estudantes comessem o ano letivo sem efetivar a matrícula. Os problemas do FIES visam, claro, dois objetivos: 1) dificultar a criação de novos contratos; 2) esconder a falta de recursos.

A decisão do MEC teve uma forte repercussão política na FURB. Por um lado, atingiu cerca de 2.600 alunos e, por outro, ameaçou a sustentabilidade financeira. A convergência de interesses mobilizou a comunidade acadêmica. Três estratégias se destacaram: 1) Embalados pela insatisfação generalizada que toma conta do país mais de 2.000 tomaram as ruas – alguém viu a UNE e a UCE; 2) seguindo as sucessivas decisões favoráveis concedidas os estudantes alcançaram resultados positivos na Justiça Federal; 3) e por seu lado a Gestão seguiu para Brasília para negociar com o MEC.

Para entender a crise do FIES é preciso considerar primeiro a gestão do ensino superior nos últimos 20 anos. Apesar da aparente oposição entre o Governo PSDB (1995-2002) e o Governo PT (2003-2014) na gestão da educação existem duas semelhanças: 1) a centralização federal das decisões da política educacional; 2) a expansão das matrículas do setor privado. Assim, enquanto no Governo PSDB o FIES serviu como suporte para expansão do setor privado pelo processo de desregulamentação, no Governo PT o FIES para diminuir a inadimplência e a capacidade ociosa desse processo de expansão.

Uma conta monstruosamente panorâmica serve para percebermos porque o governo induz o setor privado. Em 2013 o orçamento das UFs foi de aproximadamente R\$ 33 bi-

lhões e o número de alunos atendidos de 1.1 milhões. Isto equivale um custo médio de R\$ 30.000,00 por aluno. Se multiplicarmos o número de alunos matriculados no ensino superior 7,3 milhões pelo custo médio de um aluno de UFs o orçamento do MEC deveria ser de 220 bilhões. Impossível... Com o FIES o governo gasta R\$ 13,4, atende 1,9 milhões de estudantes a um custo médio de R\$ 7.000,00. Muito mais barato...

O Ministro da Educação Cid Gomes caiu. Permaneceu apenas dois e meses e meio no cargo. Não precisou de mais. Já conseguiu cumprir o seu papel. Desestruturou o FIES: 1) Iniciou o desmonte do FIES; 2) Fez os papéis dos grandes grupos privados (Estácio Participações, Kroton, Anima Educação, Ser Educacional) serem valorizados especulativamente; 3) Abriu espaço para os bancos privados no crédito universitário. Somente quando encerrarem as inscrições do FIES poderemos avaliar melhor o tamanho da evasão provocada pela “colheita maldita” do MEC, como dizem os alunos.

Mas é preciso não perder de vista também as condições de sustentabilidade financeira do FIES. Três grandes óbices parecem afetar a sustentação do FIES: 1) Juros subsidiados: é possível manter os juros 3,4% ao ano em um período inflacionário? 2) Aumento das mensalidades: é possível estabelecer um teto para o aumento das mensalidades em período de inflação? 3) Mercado de trabalho: haverá abertura de vagas no mercado de trabalho para que os estudantes amortizem a dívida? Por isso, as novas regras parecem apenas encobrir esses gargalos operacionais de médio prazo.

O FIES cresceu muito. Se tornou um ponto de passagem obrigatório para pelo menos três atores: 1) MEC: representa quase 26% dos estudantes do ensino superior; 2) ESTUDANTES: representa a única alternativa de formação para muitos estudantes; 3) INSTITUIÇÕES DE ENSINO: a viabilidade financeira de muitas instituições de ensino superior. Com as restrições de acesso ao FIES impostas pelo Governo/MEC, abre-se espaço para que o crédito estudantil seja privatizado. Por exemplo, a ABRAES está propondo uma nova versão do FIES, com a participação dos bancos privados: o FIES 2.0.

O FIES foi uma boa ideia mal gerida. Constitui um programa de inclusão social que serviu para aumentar o lucro as instituições de capital aberto. Por isso o governo aproveitou o corte orçamentário com a necessidade de ajuste do FIES. A crise do FIES ensina que não podemos depender do Governo Federal/MEC. Precisamos criar condições para instituir um fundo local de financiamento. Pois sabemos muito bem que uma educação que se respeite não tem pátria. E descobrimos que se dependermos da pátria ficaremos sem educação. Afinal a educação da pátria ficou sem fundo.

“

O FIES foi uma boa ideia mal gerida. Constitui um programa de inclusão social que serviu para aumentar o lucro as instituições de capital aberto. Por isso o governo aproveitou o corte orçamentário com a necessidade de ajuste do FIES. A crise do FIES ensina que não podemos depender do Governo Federal/MEC. Precisamos criar condições para instituir um fundo local de financiamento. Uma educação que se respeite não tem pátria